

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SOCIALIZAÇÃO PARENTAL DAS EMOÇÕES NA
ADOLESCÊNCIA: RELAÇÃO ENTRE RESPOSTAS
PARENTAIS E O AJUSTAMENTO DOS FILHOS**

Catarina Ribeiro da Cunha Gomes Teixeira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicologia da Saúde e da Doença

2020

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**SOCIALIZAÇÃO PARENTAL DAS EMOÇÕES NA
ADOLESCÊNCIA: RELAÇÃO ENTRE RESPOSTAS
PARENTAIS E O AJUSTAMENTO DOS FILHOS**

Catarina Ribeiro da Cunha Gomes Teixeira

Dissertação orientada pela Professora Doutora Ana Isabel de Freitas Pereira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde

Psicologia da Saúde e da Doença

2020

Agradecimentos

Este trabalho de fim de mestrado não teria sido possível sem a colaboração e o apoio de várias pessoas, a quem gostaria muito de agradecer.

Em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Ana Isabel Pereira, que me acompanhou ao longo de todo o ano com uma disponibilidade extraordinária, fornecendo-me feedback contínuo sobre o meu trabalho e estando sempre acessível para esclarecer as questões levantadas. Muito obrigada pelo apoio que me foi dando e por me possibilitar uma aprendizagem tão completa, sem a qual a realização desta tese teria sido muito mais difícil.

À Dra. Sara Maia, pelo apoio e colaboração ativa neste projeto. Foi muito positivo ter tido alguém com quem pude ir aprendendo e partilhando os sucessos e frustrações que esta investigação proporcionou. Desejo um excelente desenvolvimento deste projeto, tendo sempre presente aquela paixão que levou inicialmente à sua criação.

Às escolas que colaboraram connosco, sem as quais este projeto não teria sido possível. À Tia Eva e ao Pai Miguel, que facilitaram os contactos iniciais. À Professora Cristina e à Professora Sónia, que nos autorizaram a entrada nas escolas, mostrando uma disponibilidade inigualável e acompanhando-nos de forma contínua em todo o processo de aplicação dos questionários. À Professora Sílvia, que, ainda que as circunstâncias não o permitissem, tentou facilitar ao máximo a colaboração de uma terceira escola. A todos os professores que cederam do seu tempo de aula para a aplicação dos questionários. E, claro, aos pais e alunos que possibilitaram a recolha dos dados cruciais para esta investigação.

À Catarina, que disponibilizou do seu tempo para me ensinar a usar o *Teleform* e cuja ajuda foi preciosa.

À minha mãe e ao meu pai. Não há palavras para descrever este agradecimento. Pela disponibilidade contante. Pelo interesse demonstrado em todas as etapas da investigação. Pelo apoio permanente. Por serem, para mim, exemplos de disciplina, determinação e persistência. Por celebrarem comigo cada passo terminado. Pelo

contributo “técnico” muito particular de cada um, sem o qual esta tese não teria sido a mesma. E, claro, por serem aqueles que me incentivam a ser melhor e a dar sempre o meu máximo.

À minha família, principalmente as minhas irmãs, que foram partilhando de todas as etapas da realização deste projeto comigo. Também aos meus primos, tios e avós. E à Lurdes. Obrigada por mostrarem tanto interesse pelo trabalho que fui fazendo, por me ajudarem a refletir sobre muitos dos temas da tese e me motivarem, principalmente nesta fase final.

Às minhas amigas que, mais de perto, foram partilhando estas vivências comigo. Um agradecimento muito especial. À Mariana Filipe, à Inês Costa, e à Susana Capela, obrigada pelo apoio que foram dando, pela partilha recíproca de vivências e pelo ânimo constante que me deram perante todas as dificuldades.

Um agradecimento especial à Margarida, que foi uma ajuda tão preciosa nesta fase final da entrega do projeto.

A todos, muito obrigada.

Resumo

A adolescência é um período de grande crescimento e mudança, repleta de novos desafios à adaptação do adolescente que propiciam o desenvolvimento de problemas de internalização. Sendo os pais as fontes potencialmente mais importantes de socialização emocional, é importante compreender de que forma as respostas parentais às emoções dos filhos adolescentes influenciam o seu ajustamento neste período.

Com esta investigação, pretendeu-se explorar os processos de socialização emocional na adolescência, comparar as respostas dos pais e das mães perante diferentes emoções dos filhos, avaliar os comportamentos parentais em função da idade e do sexo do adolescente e compreender de que modo esses comportamentos se relacionam com o ajustamento dos filhos. A amostra é constituída por 322 alunos de duas escolas públicas de Lisboa entre os 12 e os 17 anos, tendo estes completado cinco instrumentos de autorrelato num só momento.

Os principais resultados sugerem que as mães estão mais envolvidas na vida emocional dos filhos do que os pais; há uma diminuição das respostas de socialização emocional ao longo da adolescência; filhos e filhas são socializados da mesma forma para emoções negativas, mas não para as positivas; as respostas parentais são mais relevantes para o ajustamento das raparigas do que dos rapazes; e a satisfação com a vida é o indicador de ajustamento mais fortemente relacionado com essas respostas. A co-ruminação na adolescência surge como um fator relevante, aparecendo associada a indicadores positivos de ajustamento. As respostas maternas à tristeza e à zanga são preditores de sintomas depressivos e ansiosos, enquanto as respostas paternas à zanga e ao medo contribuem para a sintomatologia depressiva dos filhos.

Neste estudo, questiona-se se a maior expressão emocional, que integra a co-ruminação com os pais, estará associada a melhor ajustamento e enfatiza-se a importância do estudo da socialização de emoções positivas e da avaliação de indicadores de ajustamento positivo dos adolescentes.

Palavras-chave: Socialização emocional, comportamentos parentais, ajustamento, co-ruminação, adolescência.

Abstract

Adolescence is a period of intense growth and change, full of challenges which the adolescent needs to adapt to and which can lead to the development of internalization problems. Given that parents are potentially one of the most important sources of emotional socialization, it is important to understand how parental behaviours to children's emotions during adolescence influence their adjustment during this period.

With this investigation, we wanted to understand the processes of emotion socialization in adolescence, compare the responses of fathers and mothers to the different emotions expressed by children, evaluate these behaviours as functions of the age and sex of the adolescent and explore how parental reactions are associated with their children's adjustment. Our sample consists of 322 students between 12 and 17 years old from two public schools in Lisbon, who completed five self-report questionnaires in a single session.

The main results suggested that mothers are more involved than fathers in their children's emotional lives; there is a decrease of emotional socialization responses throughout adolescence; sons and daughters are socialized in the same manner for negative emotions but not for positive emotions; parental responses are more relevant to the adjustment of girls than boys; and satisfaction with life is the indicator most strongly related to these responses. Co-rumination is a relevant variable in adolescence, being associated with positive indicators of adjustment. Maternal responses to sadness and anger are predictors of depressive and anxious symptoms, while paternal responses to anger and fear contribute to children's depression.

In this study, we question whether higher levels of emotional expression, like with co-rumination with parents, is, in fact, associated with better outcomes, and emphasize the importance of studying the socialization of positive emotions and evaluating positive fit indicators for teenagers.

Key words: Emotion socialization, parental behaviours, adjustment, co-rumination, adolescence.

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento Teórico	3
Contextualização	3
Adolescência.....	4
Problemas de Internalização na Adolescência.....	7
Modelos Teóricos da Socialização das Emoções	8
Estudos Empíricos – Respostas Parentais às Emoções dos Filhos Adolescentes.....	13
a) Diferenças entre pais e mães nas respostas às emoções dos adolescentes	13
b) Associação entre Respostas Parentais e Ajustamento do Adolescente	14
c) Co-ruminação como comportamento de socialização parental.....	18
d) Síntese dos estudos.....	22
e) Limitações dos estudos	24
Parte II – Metodologia	26
Desenho da investigação	26
Objetivos de investigação	26
Participantes.....	27
Caracterização da amostra	27
Procedimentos	28
Instrumentos de recolha de dados.....	29
Análise estatística	32

Parte III – Resultados	34
Análises preliminares	34
Caracterização dos indicadores de ajustamento dos adolescentes.....	35
Diferenças nos comportamentos de socialização emocional parental perante diferentes emoções	36
Correlações entre Comportamentos Parentais e Ajustamento dos Adolescentes	39
Análise fatorial exploratória	43
Análise das contribuições independentes dos comportamentos parentais para o ajustamento os filhos adolescentes	45
Parte IV – Discussão.....	49
1. Caracterização dos indicadores de ajustamento positivo e negativo	49
2. Respostas de socialização emocional parental.....	51
3. Respostas de socialização emocional parental e ajustamento dos filhos	53
4. Co-ruminação com os pais e ajustamento dos filhos	58
5. Modelos preditores do ajustamento negativo nos adolescentes.....	61
Parte V – Conclusões e Considerações Finais	64
Conclusões.....	64
Limitações do Estudo	65
Contributos do Estudo e Implicações Clínicas	66
Referências Bibliográficas	71
Anexos.....	78

Índice de Tabelas

Tabela 1	27
Tabela 2	35
Tabela 3	36
Tabela 4	36
Tabela 5	37
Tabela 6	38
Tabela 7	38
Tabela 8	39
Tabela 9	40
Tabela 10	41
Tabela 11	43
Tabela 12	45
Tabela 13	48

Índice de Anexos

Anexo I – Valores de consistência interna das dimensões da Escala de Socialização das Emoções

Anexo II – Comparação entre os comportamentos parentais do cuidador masculino e feminino

Anexo III – Comparação dos comportamentos parentais masculinos entre grupos etários

Anexo IV – Comparação dos comportamentos parentais femininos entre grupos etários

Anexo V – Diferenças nos comportamentos parentais entre raparigas e rapazes

Anexo VI – Contribuição dos comportamentos parentais femininos para a sintomatologia depressiva dos filhos

Anexo VII – Contribuição dos comportamentos parentais masculinos para a sintomatologia depressiva dos filhos

Anexo VIII – Contribuição dos comportamentos parentais femininos para a sintomatologia ansiosa dos filhos

Anexo IX – Contribuição dos comportamentos parentais masculinos para a sintomatologia ansiosa dos filhos

Anexo X – Correlações entre a co-ruminação e as diferentes respostas parentais

Introdução

A presente investigação foi realizada no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, submetida à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Está enquadrada num projeto de Doutoramento mais alargado que pretende compreender a influência das práticas de socialização emocional parental no ajustamento dos adolescentes e aprofundar o conhecimento relativamente ao papel dos pais na regulação emocional dos filhos.

O presente estudo teve como principal objetivo explorar a relação entre os comportamentos parentais de socialização emocional e o ajustamento emocional dos filhos adolescentes, considerando diferentes emoções e o papel de cada um dos cuidadores. Tendo isto em conta, e de forma a maximizar os contributos desta investigação, os objetivos foram abordados de forma a tentar colmatar algumas falhas existentes na literatura da socialização das emoções. A partir dos dados de uma amostra comunitária, foi possível caracterizar os indicadores de ajustamento dos adolescentes e os comportamentos de socialização emocional parental; analisar diferenças nas respostas de cada um dos cuidadores a diferentes emoções, entre grupos etários e entre rapazes e raparigas; e explorar as contribuições independentes dos comportamentos parentais para o ajustamento dos filhos adolescentes.

O trabalho está organizado em cinco partes. Na primeira parte, relativa ao Enquadramento Teórico, procede-se a uma revisão de literatura que salienta cinco aspetos principais associados ao tema em estudo: a importância da socialização emocional parental durante a adolescência, as particularidades da adolescência como um período crítico no desenvolvimento, problemas de internalização mais comuns nesta faixa etária, principais modelos teóricos da socialização das emoções e estudos empíricos sobre a socialização emocional na adolescência. Na segunda parte, da Metodologia, é descrito o desenho de investigação adotado, os objetivos gerais e específicos que guiaram este trabalho, os procedimentos de recolha de dados e os instrumentos administrados aos adolescentes. Em seguida, apresentam-se e descrevem-se os Resultados obtidos através das análises estatísticas, estando organizados de acordo com os objetivos definidos inicialmente. Na quarta parte, da Discussão, os resultados anteriormente descritos são discutidos à luz da literatura analisada. Finalmente, são incluídas algumas Conclusões e

Considerações Finais relativas à relevância do estudo, às suas limitações e a linhas futuras de investigação.

Parte I – Enquadramento Teórico

Contextualização

A **socialização das emoções** é o processo através do qual os seres humanos, em qualquer fase do seu desenvolvimento, aprendem a adquirir as competências emocionais necessárias para funcionarem de forma competente e ajustada no seu meio social (Smetana, Robinson, & Rote, 2014). Sendo a relação pais-filhos a primeira relação diádica na vida da criança (Miller-Slough & Dunsmore, 2016), os pais são uma das fontes iniciais e potencialmente mais importantes através das quais as emoções das crianças são socializadas (Brand & Klimes-Dougan, 2010). A socialização parental das emoções inclui, assim, os comportamentos parentais que vão influenciar a capacidade de os filhos compreenderem, experienciarem, expressarem e regularem as emoções ao longo da sua vida (Schwartz, Sheeber, Dudgeon, & Allen, 2012).

A maioria dos estudos relativos à área da socialização das emoções foca-se na **infância**, possivelmente por ser uma fase do desenvolvimento na qual as crianças são mais maleáveis em resposta às influências ambientais (Smetana et al., 2014). Em geral, estes estudos têm vindo a confirmar que a socialização parental das emoções tem implicações importantes no desenvolvimento socio-emocional, no ajustamento e, consequentemente, no bem-estar da criança (e.g., Eisenberg, Fabes, & Murphy, 1996; Gupta & Adam, 2016; Jin, Zhang, & Han, 2017; Shaffer, Suveg, Thomassin, & Bradbury, 2012).

Existem dois fatores muito estudados relativamente à infância que parecem ser bastante influenciados pelas práticas de socialização emocional, relacionando-se, posteriormente, com o ajustamento¹ da criança (Eisenberg, Cumberland, & L. Spinrad, 1998; Gottman, Katz, & Hooven, 1996; Denham, Bassett, & Wyatt, 2007). Um deles é a

¹ O ajustamento corresponde à capacidade adaptação às circunstâncias da própria vida e de acomodação às exigências e restrições do dia-a-dia e aos costumes da sociedade, incluindo a capacidade de envolvimento em interações e relacionamentos satisfatórios (De Ridder, Geenen, Kuijer, & Middendorp, 2008).

capacidade de **regulação emocional** (RE), que corresponde ao conjunto dos processos internos e externos envolvidos na iniciação, manutenção e modulação da ocorrência, intensidade e expressão das emoções, sendo um elemento transdiagnóstico a diferentes problemas de saúde mental (Morris et al., 2007). O outro é a **competência social**, que permite o estabelecimento de relacionamentos saudáveis nos vários contextos de vida da pessoa (Eisenberg et al., 1998).

O desenvolvimento da regulação emocional e da competência social dependem de alguns *fatores intrapessoais*, como o temperamento, competências cognitivas e de linguagem, sexo e/ou idade da criança. No entanto, são também muito influenciados por *fatores interpessoais*, associados às experiências e interações familiares, escolares e com o grupo de amigos (Denham et al., 2007). Estas interações, quer sejam realizadas de forma intencional ou não intencional, têm impacto no ajustamento dos filhos. Considerando que as relações familiares são das relações mais significativas na infância, os pais surgem como figuras particularmente relevantes para o desenvolvimento socio-emocional da criança, podendo influenciá-lo de diferentes formas. A forma mais investigada é a das *respostas parentais* às emoções dos filhos (que será explorada mais à frente).

Na literatura da socialização das emoções, têm vindo a ser estudadas diferentes maneiras através das quais as crianças vão adquirindo e desenvolvendo as suas competências sócio-emocionais. No entanto, o mesmo não tem sido feito para os adolescentes. Grande parte da literatura foca-se no período da infância, havendo uma desproporção entre a quantidade de informação existente sobre a socialização emocional com crianças e a socialização dos filhos adolescentes (Root & Denham, 2010). É, ainda assim, muito relevante compreender a continuidade das práticas de socialização ao longo do desenvolvimento e as suas especificidades no período da adolescência, uma vez que, tal como a infância, a adolescência é um período crítico na criação de padrões quer normativos quer mal adaptativos de desenvolvimento (Steinberg, 2005).

Adolescência

A adolescência é um período de enorme crescimento e mudança, onde surgem **obstáculos** à adaptação do adolescente e das pessoas ao seu redor (Smetana et al., 2014). Apesar de, nesta fase, já se terem adquirido as competências emocionais fundamentais, é

nesta altura que surgem novos desafios sociais e emocionais que exigem que o adolescente se reorganize e continue a aprender com os outros a usar as suas competências de forma flexível e diferenciada (Miller-Slough & Dunsmore, 2016). Para além disso, no início desta etapa do desenvolvimento, o adolescente sofre profundas transformações em diversos sistemas do seu organismo, nomeadamente a nível cognitivo, emocional, social e comportamental (Cassidy & Shaver, 1999).

Um dos grandes marcos da adolescência é o estabelecimento de uma noção realista e coerente da sua **identidade** (American Psychological Association, 2002). A identidade corresponde a um conjunto de *drives*, habilidades, crenças e histórias pessoais organizadas de forma dinâmica, interna e construída pelo próprio (Marcia, 1980), espelhando o modo como o adolescente se vê a si mesmo através do tempo e do espaço (Lerner & Steinberg, 2004). Apesar da formação da identidade começar antes do início da adolescência, apenas nesta altura é que as pessoas têm, pela primeira vez, as capacidades cognitivas necessárias para descobrirem de forma consciente quem são e o que as torna únicas (American Psychological Association, 2002). Quanto mais bem desenvolvida estiver a identidade, mais consciente está o adolescente das suas forças, fraquezas, da sua singularidade e das suas semelhanças com os outros (Marcia, 1980). Com a procura da própria identidade, os adolescentes tendem a explorar o mundo que os rodeia de forma diferente, havendo grandes alterações nas suas relações sociais.

A nível do **desenvolvimento social**, com a entrada na adolescência, existem particulares alterações nas relações familiares. A diminuição do tempo passado com os pais, assim como a diminuição normativa de aspetos positivos na relação pais-filhos (como apoio, proximidade, coesão, intimidade) refletem a tentativa de o adolescente se individualizar da família e desenvolver maior autonomia e independência, o que leva a um afastamento relativamente às figuras parentais (American Psychological Association, 2002). Como compensação desse afastamento, há uma necessidade de desenvolver maior proximidade com os pares. Assim, os amigos tornam-se particularmente influentes nesta fase, servindo várias funções ao longo da adolescência. Algumas dessas funções passam por fornecerem pontos de referência temporários para o desenvolvimento da identidade e por serem fontes de intimidade, fontes de feedback sobre comportamentos sociais, fontes de influência social (Cassidy & Shaver, 1999), fontes de informação relativamente ao

mundo exterior e fontes de reforço associado à popularidade, *status*, prestígio e aceitação (American Psychological Association, 2002) .

É, no entanto, importante ter em conta que o relacionamento com os pais constitui uma base muito importante para o desenvolvimento psicológico, permanecendo essencial durante toda a adolescência e início da idade adulta tanto para o bem-estar psicológico do próprio como para o desenvolvimento de relacionamentos com os pares (Helsen, Vollebergh, & Meeus, 2000). Segundo Helsen e colaboradores (2000), o apoio parental parece estar associado à existência (ou não) de problemas emocionais na adolescência, e a relação entre o apoio dos amigos e problemas emocionais do adolescente não é independente do efeito do apoio dos pais.

Para além da formação da identidade e das alterações a nível das relações sociais, uma outra questão saliente é a capacidade de **regulação emocional** do adolescente. Por um lado, esta está intimamente ligada ao desenvolvimento cognitivo, que influencia o controlo das emoções e dos comportamentos emocionais. Por outro lado, assim como a cognição tem um impacto importante na experiência emocional, também as emoções vão influenciar processos cognitivos básicos, como as escolhas comportamentais ou a capacidade de tomar decisões no dia-a-dia (Steinberg, 2005). Apesar desta forte relação entre cognição-emoção, alguns estudos (e.g., Smetana et al., 2014) demonstram a existência de um desfasamento entre o desenvolvimento do sistema dopaminérgico (que aumenta a necessidade de experiências emocionais intensas) e o tempo que o sistema cognitivo se demora a desenvolver e a ficar maduro, sendo necessário algum tempo para haver uma boa coordenação entre os processos afetivos e cognitivos que permita uma melhor autorregulação em situações ativadoras.

O desfasamento entre estes dois sistemas (afetivo e cognitivo) na adolescência é, muitas vezes, um fator que promove o desenvolvimento de comportamentos inadequados e de problemas de saúde mental nesta fase do desenvolvimento. Isto pode ocorrer, por exemplo, devido à desregulação do humor ou da motivação, característico de várias dificuldades de internalização, ou devido ao controlo inadequado da ativação experienciada, o que está associado tipicamente a problemas de externalização e a comportamentos de risco (Steinberg, 2005). Sendo a adolescência um período tão repleto

de experiências emocionais diversas, a propensão para desenvolver perturbações do foro mais emocional, nomeadamente alguns problemas de internalização, aumenta.

Problemas de Internalização na Adolescência

O aparecimento de **sintomas depressivos** é bastante comum na adolescência (Maughan, Collishaw, & Stringaris, 2014). A probabilidade de se desenvolver uma perturbação depressiva aumenta acentuadamente no início da adolescência, principalmente para as raparigas. É de grande relevância ter isto em consideração uma vez que a depressão está associada a resultados adversos, como por exemplo, ao risco de suicídio, a problemas no funcionamento social e a menor saúde física e mental, o que dificulta o ajustamento posterior dos adolescentes. Um dos principais fatores de risco para o desenvolvimento de uma perturbação depressiva (para além do fator genético) é a exposição a acontecimentos de vida adversos. Segundo Larson, Moneta, Richards e Wilson (2002), o afeto negativo experienciado pelos adolescentes é significativamente maior do que na infância, sendo a adolescência uma fase particularmente crítica (i.e., com mais emoções negativas), possivelmente como resultado do aumento da quantidade de acontecimentos stressantes normativos a ela associados (e.g., mudanças de escola, mudanças nas expectativas relativamente aos pares, alterações nos papéis familiares e nas relações de amizade, surgimento de relações românticas). A raiva, a irritabilidade, a anedonia, o humor depressivo e os défices na experiência de emoções positivas parecem ser características muito próprias da depressão, às quais se deve dar atenção nos adolescentes (Schwartz et al., 2012).

As **perturbações de ansiedade**, por sua vez, são as perturbações de saúde mental mais comuns na adolescência, com uma prevalência de aproximadamente 31% (Siegel & Dickstein, 2011) sendo, tal como a depressão, mais prevalentes em raparigas do que em rapazes. De acordo com o estudo longitudinal realizado por Essau, Lewinsohn, Olaya, e Seeley (2014), a ansiedade na adolescência parece ser mais relevante na predição de *outcomes* psicossociais e de psicopatologias na idade adulta comparativamente com a ansiedade em crianças. A ansiedade nos adolescentes demonstrou-se preditora de diferentes indicadores de ajustamento aos trinta anos, como o desemprego, o fraco ajustamento, pobres estratégias de *coping* e stress crónico. Para além disso, a depressão e

a ansiedade são frequentemente comórbidas entre adolescentes, sendo também comum que a ansiedade prediga o desenvolvimento de perturbação depressiva major, perturbação de consumo de substâncias e perturbação de consumo de álcool.

Tudo isto reforça a compreensão da adolescência como sendo um período crítico para a reorganização dos sistemas de regulação, estando repleta de riscos e de oportunidades (Steinberg, 2005). Apesar do movimento do adolescente para uma maior autonomia, da diminuição do tempo e qualidade das relações familiares e da crescente importância dos pares, os pais continuam a ter um papel importante na socialização das emoções durante a adolescência, influenciando inclusive as relações de amizade que vão sendo criadas (Brand & Klimes-Dougan, 2010), como referido anteriormente. Deste modo, é de grande relevância que se explore como ocorre a socialização das emoções na adolescência, nomeadamente de que forma é que as práticas parentais de socialização ajudam os filhos adolescentes a desenvolverem competências que diminuam a probabilidade de desenvolverem perturbações do foro psicológico e lhes proporcionem um maior ajustamento presente e futuro.

Modelos Teóricos da Socialização das Emoções

Como referido anteriormente, existem vários processos através dos quais a socialização parental das emoções ocorre. Os comportamentos de socialização emocional parental podem ser categorizados em dois domínios: 1) modelagem das emoções e dos comportamentos associados às emoções, realizada de forma não intencional e relativamente passiva; 2) respostas ativas e intencionais às emoções dos filhos e discussão emocional (Mirabile, 2014). Tendo isto em conta, o ajustamento dos filhos poderá ser influenciado por socialização passiva/indireta, que inclui a *observação/modelagem* e o *clima emocional familiar*, e por socialização ativa/direta, que corresponde às práticas parentais associadas à *discussão* emocional e às *reações* dos pais à expressão emocional dos filhos.

Relativamente à **socialização indireta**, um dos autores de referência que explora bastante esta vertente é Morris (2007). Este desenvolveu o Modelo Tripartido do Impacto da Família na Regulação Emocional e no Ajustamento, onde explorou a importância da observação/modelagem e do clima emocional familiar como formas de socialização

emocional parental. Morris propõe que a observação diária do modo como os pais e os irmãos se regulam emocionalmente; a previsibilidade e estabilidade emocional do clima familiar; as expectativas parentais e exigências de maturidade; e o grau de emocionalidade negativa/positiva expressa na família criam uma base para o desenvolvimento da regulação emocional dos filhos.

Sendo as práticas parentais de socialização direta, à partida, mais intencionais ou conscientes do que as práticas indiretas, tal como propõe Mirabile (2014), será mais fácil atuar a este nível para prevenir/intervir com os pais de modo a potenciar o desenvolvimento emocional e diminuir a emergência de problemas de saúde mental. Esta poderá ser uma das razões que tem levado a um maior foco no estudo das reações parentais e da discussão emocional.

– Socialização Direta das Emoções

O modelo da Socialização Parental das Emoções de Eisenberg é um modelo de referência nesta área da investigação. De acordo com a autora, existem determinadas práticas parentais que estão associadas a uma maior competência emocional e social dos filhos (e, conseqüentemente, a maior ajustamento) e outras que dificultam o desenvolvimento destas competências (Eisenberg et al., 1998). Essas práticas denominam-se Comportamentos de Socialização Relacionados com as Emoções (*Emotion-Related Socialization Behaviors* – ERSB) e estão associadas a três grandes áreas da interação pais-filhos: 1) Expressão Emocional Parental; 2) Reações/Respostas Emocionais dos pais às emoções da criança; 3) Discussão de Emoções. A expressão emocional (i.e., emoções positivas e negativas expressas pelos pais de forma verbal e não verbal no ambiente familiar) remete-nos para uma socialização mais indireta das emoções. No entanto, quer a discussão emocional quer as reações parentais correspondem a práticas diretas de socialização emocional.

Relativamente à **discussão emocional**, esta baseia-se na comunicação sobre as emoções, sobre as suas causas e conseqüências e sobre modo de lidar com elas. Como conseqüência da maior comunicação com a criança sobre as emoções, há uma maior probabilidade de a criança ter um bom desenvolvimento socio-emocional, de ter uma maior compreensão sobre as emoções (próprias e dos outros) e de estar mais à vontade

para falar de emoções, acabando por ter mais facilidade em controlar a sua ativação em situações stressantes, o que leva a um maior ajustamento (Eisenberg et al., 1998).

No que se refere às **reações/respostas emocionais**, os cuidadores podem responder às pistas emocionais das crianças optando por apoiar as suas emoções ou optando por as desencorajar. Segundo este modelo, o desencorajamento está associado a uma visão negativa das emoções por parte dos pais, que as consideram prejudiciais ou aversivas. Isto reflete-se na existência de reações parentais não apoiantes, nomeadamente a *punição* (e.g., pôr de castigo), a *minimização* (desvalorizando a emoção sentida), o *stress ou aborrecimento dos pais* (e.g., os pais sentem-se desconfortáveis ou irritados com a emoção da criança) e o *evitamento da discussão* emocional (Eisenberg et al., 1998, 1996). Estas práticas levam à diminuição da expressão dessas emoções por parte dos filhos e estão associadas a menor ajustamento da criança.

Pelo contrário, pais apoiantes estão conscientes das emoções dos filhos, aceitam-nas, encorajam a sua expressão e ajudam os filhos a reconhecer e gerir essas emoções, usando estratégias focadas na emoção ou trabalhando com eles para resolver os problemas associados a essas emoções (Eisenberg et al., 1998). Algumas das principais reações apoiantes são: o *encorajamento* da expressão emocional, reações focadas na *emoção* (e.g., acalmar, confortar) e práticas focadas na *resolução de problemas* associados às emoções, discutindo objetivos e estratégias para lidar com as situações. Respostas deste género ajudam a criança a desenvolver competências para lidar com as suas próprias emoções e com as dos outros de forma construtiva e adequada, facilitando o seu ajustamento.

De acordo com a visão de Gottman e colaboradores, estas práticas parentais (quer a discussão quer as respostas/reações emocionais) estão ligadas a um conjunto organizado de crenças, pensamentos e sentimentos que os pais têm relativamente às suas próprias emoções e as emoções dos filhos (meta-emoções), sendo isso que os leva a agir da forma que agem (Gottman et al., 1996). A este conjunto de crenças, pensamentos e sentimentos que motivam e estão na base das práticas parentais emocionais dá-se o nome de **Filosofia Meta-Emocional Parental** (PMEP – *Parental Meta-Emotion Philosophy*). O autor propõe quatro destas filosofias, sendo as mais exploradas a filosofia *Emotion Coaching* e a filosofia *Dismissive*.

Pais com uma PMEP “*Dismissive*” são aqueles que, apesar de poderem ser sensíveis aos desejos e sentimentos dos filhos e de lhes quererem ser prestáveis, olham para emoções negativas (e.g., tristeza ou raiva) como prejudiciais para a criança (o que leva, por exemplo, a que as ignorem ou neguem). Isto está associado a uma parentalidade mais depreciativa, caracterizada por intrusividade, criticismo e humilhação/gozo.

Por outro lado, pais com crenças associadas à filosofia “*Emotion Coaching*” têm consciência das suas emoções e das dos seus filhos, veem as emoções negativas dos filhos como oportunidades de intimidade e aprendizagem e validam-nas (Gottman et al., 1996). Estes pais têm, normalmente, práticas que estão associadas a uma parentalidade estruturada, responsiva, entusiasta, envolvida e afetuosa, o que permite que as crianças aprendam a rotular e expressar os seus sentimentos e a ter atenção ao que se está a passar consigo mesmas, adquirindo ferramentas que as ajudam a saber como aprender a gerirem-se perante situações emocionalmente desafiantes. Gottman considerou o *Emotion Coaching* como um processo parental que fomenta a discussão emocional, as reações emocionais apoiantes e a instrução de um conjunto de ensinamentos mais explícitos sobre as emoções.

Os modelos anteriormente apresentados foram conceptualizados tendo em vista a socialização das emoções de crianças, não focando as especificidades das necessidades dos adolescentes. Apesar da maior escassez de estudos associados a este grupo etário, alguns autores têm vindo a tentar compreender até que ponto os modelos da socialização das emoções são, ou não, válidos na adolescência, estudando, por um lado, quais as respostas parentais mais típicas nestas idades e, por outro lado, como é que essas respostas podem estar associadas ao ajustamento ou a problemas de saúde mental dos filhos.

Os estudos empíricos da socialização emocional parental na adolescência que serão apresentados em seguida têm por base o **modelo de Malatesta-Magai** (Malatesta & Wilson, 1988), que enfatiza a importância da socialização de emoções discretas, propondo a utilização de cinco estratégias principais para a socialização emocional dos filhos: a recompensa/apoio, o distanciamento emocional, a magnificação, a negligência e a punição. Ao mesmo tempo, têm sido propostos modelos de 2 fatores baseados na noção de que as estratégias de socialização podem ser agrupadas como facilitadoras ou

inibidoras da expressão emocional, considerando as primeiras como reações apoiantes e as segundas como reações não apoiantes das emoções (Guo, Mrug, & Knight, 2017).

As respostas/reações parentais apoiantes (i.e., que apoiam a expressão emocional) incentivam e validam quer o modo como o adolescente se sente, quer a expressão da emoção sentida, comunicando aceitação parental relativamente a essa emoção. Tal como no modelo de Eisenberg, considera-se que estas respostas estão associadas a um maior ajustamento do jovem. A **recompensa/apoio** é uma dessas estratégias, que corresponde a comportamentos que ajudam o adolescente a lidar com o problema ou com a experiência emocional (Briscoe, Stack, Dickson, & Serbin, 2019). Um exemplo da sua utilização é o cuidador confortar o adolescente (foco na emoção) ou ajudá-lo a pensar em soluções para alguma situação complicada (foco no problema).

Por outro lado, as reações não apoiantes são respostas de desaprovação, inibitórias da expressão emocional e que tendem a limitar as oportunidades de o adolescente processar a emoção sentida (Miller-Slough & Dunsmore, 2016), contribuindo para um menor ajustamento. É importante ter em conta que a maioria destes estudos se foca nas respostas às emoções negativas dos filhos, e não às positivas. A **punição** é uma resposta de desaprovação parental que corresponde ao desencorajamento da emoção expressa através da aplicação de uma sanção, como por exemplo, lançando um olhar de desprezo, gozando ou humilhando (Briscoe et al., 2019). Por outro lado, a **negligência** refere-se a comportamentos parentais que não atendem às expressões emocionais dos filhos, quer isto seja feito de forma intencional ou não intencional. Não transmite obrigatoriamente desaprovação parental, mas promove a inibição da expressão emocional do filho e pode limitar as oportunidades de processamento da emoção sentida. A **magnificação** ocorre quando o cuidador reage ao filho com a mesma emoção que é expressa pelo adolescente. Por exemplo, quando o filho estava triste, a mãe ficou também triste e começou a chorar. Esta estratégia é considerada como não apoiante pois tende a aumentar ou prolongar a emoção negativa sentida pelo adolescente (e.g., Miller-Slough & Dunsmore, 2016), limitando as oportunidades de processamento de informação e de identificação de estratégias para lidar com a questão em causa.

Finalmente, o **distanciamento emocional** é considerado por alguns autores (e.g., Brand & Klimes-Dougan, 2010; Miller-Slough & Dunsmore, 2016) como uma resposta

apoiente, por se tratar de um conjunto de comportamentos que tentam tranquilizar o adolescente, minimizar a experiência emocional ou distraí-lo da emoção sentida, redirecionando-o para algo positivo. No entanto, outros autores (e.g., Briscoe, Stack, Dickson, & Serbin, 2019) consideram esta estratégia como uma forma de minimização da importância da emoção sentida e expressa, estando associada a um estilo parental *dismissive*, sendo, assim, vista como não apoiante. Um exemplo de um comportamento de distanciamento emocional é dizer ao filho para não se preocupar.

Estudos Empíricos – Respostas Parentais às Emoções dos Filhos Adolescentes

a) Diferenças entre pais e mães nas respostas às emoções dos adolescentes

Klimes-Dougan e colaboradores (2007) realizaram um estudo transversal, nos Estados Unidos da América, com 220 famílias de adolescentes sem problemas de saúde mental (32%) ou com sintomatologia de internalização e/ou externalização (68%), com idades entre os 11 e os 16 anos. Nesse estudo, investigaram as práticas de socialização parental de emoções discretas, nomeadamente da tristeza, da raiva e do medo, identificando diferenças na socialização emocional dos pais comparativamente com a das mães. As estratégias avaliadas foram a recompensa, a punição, a negligência, a magnificação e o distanciamento emocional.

Os resultados do seu estudo sugerem que, em geral, as mães diferem consideravelmente dos pais nas abordagens usadas para a socialização das emoções dos adolescentes, estando mais envolvidas na vida emocional dos filhos do que os pais. Em concreto, as mães reforçam e magnificam emoções negativas mais do que os pais. Os pais negligenciam mais do que as mães as emoções negativas dos filhos, usam mais estratégias de distanciamento emocional em geral e mais estratégias punitivas perante a **raiva** dos filhos rapazes comparativamente com as mães.

Salientam-se algumas diferenças na socialização parental dependendo da idade dos adolescentes (menor apoio e maior punição dos pais mais velhos do que os pais mais novos). No entanto, tirando algumas exceções, os filhos rapazes e raparigas são socializados da mesma forma para a tristeza, raiva e medo. Os resultados sugerem também que as

respostas parentais às emoções variam de acordo com a condição dos filhos (e.g., existência de problemas de internalização; tipo de problema).

Os autores chamam a atenção para o facto de, apesar das práticas de socialização parental moldarem alguns dos *outcomes* dos filhos, o comportamento do adolescente irá também ter influência nas respostas parentais, havendo uma bidirecionalidade na influência dos comportamentos entre pais e filhos.

No estudo de Shortt e colaboradores (2016), um estudo transversal realizado com adolescentes entre os 14 e os 18 anos, alguns com perturbação depressiva e outros sem psicopatologia, estudaram-se também diferenças nas respostas de cada cuidador às emoções dos filhos. *Pais* (mas não mães) responderam mais frequentemente à **raiva** dos adolescentes deprimidos com raiva (i.e., magnificação) e usaram mais estratégias de punição e minimização (ou distanciamento emocional) da raiva das filhas comparativamente às mães. Por seu lado, as *mães* foram mais punitivas da raiva dos filhos rapazes do que os pais. Relativamente às respostas à **tristeza**, pais e mães responderam mais facilmente à tristeza dos filhos rapazes com raiva (i.e., stress parental), mas não à das filhas; e pais (mas não mães) foram mais punitivos da tristeza dos adolescentes deprimidos comparativamente aos pais de adolescentes saudáveis.

Apesar de algumas diferenças nos dois estudos relativamente às respostas parentais a cada emoção discreta, há alguma sobreposição nos resultados. Ambos referem que **os pais diferem das mães** no modo como respondem às emoções, o que salienta a importância de incluir ambos os cuidadores em estudos da socialização emocional. Essas respostas parecem variar de acordo com alguns fatores, como a idade e, pontualmente, o sexo do adolescente e também de acordo com a condição (i.e., presença ou ausência de perturbações), salientando-se que as respostas não apoiantes às emoções dos filhos estão associadas a maior sintomatologia de internalização.

b) Associação entre Respostas Parentais e Ajustamento do Adolescente

Os autores que têm vindo a estudar a área da socialização das emoções na adolescência têm não só identificado diferenças nas respostas parentais aos filhos, como também têm estudado o modo como essas respostas se relacionam com o seu ajustamento.

Respostas Parentais e Ajustamento

Considerando as respostas que são tipicamente categorizadas como apoiantes ou não apoiantes na infância, o maior uso de estratégias não apoiantes e menor uso de estratégias apoiantes pelos pais parece estar associado a um menor ajustamento do adolescente, nomeadamente através do desenvolvimento de perturbações depressivas na adolescência (Shortt et al., 2016). No estudo de Shortt e colaboradores (2016), referido anteriormente, os resultados revelaram associações positivas entre respostas não apoiantes às emoções dos adolescentes (segundo estes autores: punição, evitamento, rejeição e minimização) e sintomas de internalização. Kehoe, Havighurst, e Harley (2015), no seu estudo longitudinal realizado entre 2008 e 2010, encontraram uma associação entre a socialização baseada na filosofia *dismissive* (i.e., não aceitante), maior ansiedade e afeto negativo dos filhos adolescentes entre os 10 e os 13 anos e ainda a maior probabilidade de desenvolvimento de queixas somáticas. Ao mesmo tempo, no estudo longitudinal de Briscoe, Stack, Dickson, e Serbin (2019), as estratégias não apoiantes das mães apareceram associadas a uma maior emocionalidade negativa dos filhos que, por sua vez, levaram a uma maior probabilidade de desenvolvimento de problemas de internalização do adolescente. Este último estudo foi realizado no Canadá e os participantes tinham uma média de 4,55 anos no primeiro momento e 13,73 anos no segundo momento.

– Respostas Parentais e Ajustamento em função do Tipo de Emoção

Como referido anteriormente, mais do que estudar o impacto das respostas parentais às emoções negativas dos filhos em geral, é importante compreender também os efeitos que essas respostas têm perante diferentes emoções, uma vez que cada emoção tem uma função particular para o desenvolvimento do adolescente e para a regulação do comportamento (Garside & Klimes-Dougan, 2002).

Schwartz e colaboradores (2012), no seu artigo de revisão, tentaram perceber quais as consequências das respostas parentais à expressão de raiva, tristeza e positividade dos filhos adolescentes, de modo a compreender o desenvolvimento e manutenção da depressão. Os autores referem que, de acordo com os vários estudos analisados, alguns dos fatores associados à depressão são: a supressão parental da raiva e o aumento da positividade dos pais em resposta à disforia dos filhos; a retribuição parental da raiva à

raiva dos filhos (magnificação); e respostas parentais disfóricas ou de raiva à positividade dos filhos assim como uma incapacidade de retribuir a sua positividade. Os autores dizem ainda que comportamentos parentais associados à filosofia *coaching* que se foquem na validação, aceitação e ensino de respostas emocionais, mas que não reforcem explicitamente as emoções podem ser a forma mais adaptativa de responder à tristeza e à raiva dos adolescentes.

Um dos estudos que se integra nesta revisão de Schwartz e colaboradores (2012) e que é bastante conhecido devido à particularidade de estudar respostas parentais às emoções positivas dos filhos é o de Yap, Allen, e Ladouceur (2008), um estudo transversal realizado na Austrália com 200 jovens entre os 11 e os 13 anos. De acordo com os autores, os pais (mas não as mães) de adolescentes deprimidos tendem a realizar menos respostas que aumentem o afeto positivo dos filhos comparativamente com os pais de adolescentes saudáveis. Este foi dos primeiros estudos que se focou não apenas nas respostas parentais a emoções negativas, como também às positivas.

Existem atualmente poucos estudos que se focam na importância da socialização do afeto positivo na adolescência (e.g., Katz et al., 2014; Yap, Allen, & Ladouceur, 2008). A falta deste tipo de estudos constitui uma grande lacuna na compreensão dos processos de socialização relevantes para o desenvolvimento de problemas de saúde mental na adolescência, como por exemplo a depressão (Katz et al., 2014), uma vez que a adolescência é, como referido anteriormente, uma fase na qual se verifica uma menor emocionalidade positiva comparativamente com a infância, sendo também um período com alto risco para o desenvolvimento desta perturbação. Assim, a capacidade de intensificar e prolongar o agrado de um acontecimento positivo poderá amenizar algum tipo de sintomas depressivos, como a desesperança e a anedonia. De acordo com os resultados do estudo transversal de Katz e colaboradores (2014), realizado com famílias de adolescentes com e sem depressão com idades entre os 14-18 anos, mães e pais de adolescentes com depressão tendem a ser menos aceitantes do afeto positivo dos filhos e tendem a abafar mais a positividade expressa por eles, minimizando-a ou ignorando-a, comparativamente com pais de adolescentes sem depressão.

Em conjunto, estes resultados sugerem que a relevância das respostas parentais às emoções dos filhos não se limita apenas às emoções negativas, mas também ao afeto positivo expresso pelos adolescentes.

– Respostas Parentais e Ajustamento em função da Idade dos Filhos

Nos vários estudos sobre a **adolescência**, nem sempre se verifica que mais respostas tipicamente apoiantes e menos não apoiantes tenham obrigatoriamente resultados mais positivos para o ajustamento dos adolescentes.

Miller-Slough e Dunsmore (2016) realizaram uma revisão narrativa de literatura, que inclui alguns dos estudos identificados anteriormente (Brand & Klimes-Dougan, 2010; Klimes-Dougan et al., 2007; Schwartz et al., 2012; Shortt et al., 2016; Yap et al., 2008), na qual referem que, tal como foi dito anteriormente, a discussão limitada sobre emoções negativas e o desencorajamento relativamente a expressar os próprios sentimentos pode ensinar o adolescente a suprimir as suas respostas emocionais, limitando a sua capacidade de processar as emoções negativas de forma adaptativa, o que pode contribuir para o desenvolvimento de perturbações de **ansiedade**.

No entanto, segundo estes autores, a perturbação **depressiva** na adolescência parece não só estar associada ao fornecimento de respostas parentais não apoiantes (e.g., punição, magnificação, negligência), como também a um reforço da expressão de emoções negativas dos filhos pelos pais, dando demasiada atenção, encorajando a sua expressão e espelhando/magnificando essas emoções (este reforço pode ser feito, por exemplo, pela co-ruminação, sobre a qual se falará em seguida). Tal como referido por Schwartz e colaboradores (2012), estes pais tendem a reforçar a tristeza e a raiva dos filhos enquanto, ao mesmo tempo, minimizam a expressão de emoções positivas (perfil típico da depressão).

Enquanto os estudos na **infância** enfatizam frequentemente os benefícios de incentivar a expressão das emoções negativas, o encorajamento contínuo destas emoções na adolescência pode promover um foco excessivamente negativo. Como tal, uma mistura de uma filosofia *coaching* com alguns comportamentos mais típicos da filosofia *dismissive* pode ajudar mais facilmente os adolescentes a modular o seu afeto e a expressar-se de forma mais adequada ao contexto (Miller-Slough & Dunsmore, 2016).

Ainda na linha daquilo que deve, ou não, ser considerada uma resposta apoiante ou não apoiante na adolescência, na investigação transversal realizada por Wang, Liang, Zhou, e Zou (2019), os autores estudaram vários perfis associados aos comportamentos de socialização das emoções apenas dos pais (e não das mães) de 731 adolescentes chineses. Surgiram como resultado quatro perfis distintos: *apoiante* (perante emoções negativas, pais demonstram: grande apoio, baixa punição, minimização moderada); *equilibrado* (responsividade moderada, reações não apoiantes moderadas, encorajamento abaixo da média); *pouco envolvido* (baixo em todas as 4 práticas de socialização parental) e *severo* (poucas práticas apoiantes e muitas não-apoiantes). Adolescentes com pais “apoiantes” e “equilibrados” reportaram maior regulação emocional do que os que tinham pais “pouco envolvidos” ou “severos”. A supressão da expressão emocional dos filhos não levou a diferenças na sua capacidade de regulação emocional entre os 4 perfis paternos. Este estudo enfatiza a ideia de que não é linear que apenas o uso de estratégias apoiantes e a não utilização de estratégias não apoiantes seja o melhor para o ajustamento dos adolescentes. Pelo contrário, talvez deva haver um equilíbrio no uso destes dois tipos de estratégias nesta faixa etária.

c) Co-ruminação como comportamento de socialização parental

Como referido anteriormente, para além das respostas/reações parentais às emoções dos filhos, a discussão emocional é também uma estratégia de socialização direta, que se baseia em conversas sobre as emoções, sobre as suas causas e consequências e sobre o modo de lidar com elas (Eisenberg et al., 1998). No entanto, por vezes essas discussões têm por base a co-ruminação, que corresponde ao envolvimento repetitivo e passivo em conversas com um foco negativo associadas a problemas individuais no contexto de uma relação diádica (Rose, 2002). A co-ruminação envolve, por um lado, a partilha de pensamentos e sentimentos com o outro, levando ao desenvolvimento de um maior apoio e intimidade no relacionamento. Por outro lado, envolve também processos ruminativos, por ter um foco forte e perseverante e em aspetos negativos, que se tem vindo a demonstrar estar relacionado com a depressão e com a dificuldade de resolução de problemas (Rose, 2002).

A **co-ruminação** pode ser vista como um comportamento parental de socialização das emoções, havendo uma opção dos pais para se envolverem neste tipo de conversas com os filhos. Ao mesmo tempo, pode também ser considerada uma estratégia de *coping* do próprio adolescente, uma vez que, se a procura de apoio social, por exemplo, é uma estratégia de *coping* individual, parece razoável que a co-ruminação possa também ser considerada uma maneira típica de o adolescente lidar com o stress (Tompkins, Hockett, Abraibesh, & Witt, 2011).

Quanto às consequências para o ajustamento, a co-ruminação pode estar associada à **depressão** por envolver um pensamento excessivo em afetos negativos e diminuir o envolvimento em atividades de distração relativamente ao problema (Tompkins, Hockett, Abraibesh, & Witt, 2011). Da mesma forma, o foco passivo, perseverante e especulativo nos detalhes, nas causas e nas potenciais consequências também pode estar associado à **ansiedade**, devido à atenção voltada para o futuro. Finalmente, se os alvos da co-ruminação são sentimentos de frustração ou de raiva, os mesmos processos perseverantes e especulativos que contribuem para a depressão ou ansiedade podem também levar ao desenvolvimento de **comportamentos externalizantes**.

Com base nisto, alguns autores têm vindo a estudar de que forma é que a utilização desta estratégia na adolescência está associada ao melhor ou pior ajustamento do jovem e de que maneira é que pode estar relacionada com o desenvolvimento e manutenção de problemas de internalização nesta faixa etária. Sendo que, nestas idades, é mais comum observar-se uma maior aproximação dos adolescentes relativamente aos pares, a maioria dos estudos tem-se focado na co-ruminação associada às **relações de amizade**.

No estudo de Rose (2002), realizado com 608 adolescentes do 3º, 5º, 7º e 9º ano, os resultados demonstraram que esta estratégia se encontra relacionada com elevada qualidade e proximidade da relação diádica e com aspetos depressivos e ansiogénicos. Salientaram-se algumas diferenças de género, aparecendo mais raparigas do que rapazes a reportar o uso de co-ruminação nas relações, reportando também maior qualidade nos relacionamentos de pares e, ao mesmo tempo, mais sintomas de internalização.

Posteriormente, em 2007, Rose, Carlson, e Waller avaliaram adolescentes do 3º, 5º, 7º e 9º ano durante um período de 6 meses (A. Rose et al., 2007). Nas raparigas, verificou-se que a co-ruminação com os pares foi preditora de maior ansiedade e

depressão, mas também de uma maior qualidade da relação de amizade com o tempo. Por sua vez, para aquelas que tinham uma elevada qualidade nas relações de amizade, a depressão e a ansiedade também foram preditores de um aumento do uso de co-ruminação com os amigos ao longo do tempo. Esta natureza bidirecional dos dados relativos às raparigas sugere que os efeitos positivos da co-ruminação talvez possam perpetuar um círculo vicioso de aumento da proximidade com os amigos, ao mesmo tempo que aumentam os níveis de depressão e ansiedade. Para os rapazes, a co-ruminação foi apenas associada ao aumento da qualidade da relação.

Estes resultados vão ao encontro dos encontrados no estudo de Tompkins e colaboradores (2011) realizado com 146 adolescentes (69% raparigas) entre os 14-19 anos, que encontraram, tal como os anteriores, maiores níveis de co-ruminação com os pares e de problemas de internalização nas raparigas do que nos rapazes. Estes autores encontraram também uma correlação positiva entre co-ruminação e problemas de externalização (sendo dos primeiros estudos a estudar esta associação) não havendo, no entanto, diferenças de género associadas à manifestação desse tipo de comportamentos.

Apesar de serem poucos, alguns estudos têm vindo a tentar compreender de que maneira estes resultados se podem aplicar a outras relações da vida do adolescente para além dos pares, nomeadamente na **relação com os cuidadores**. Em 2008, Calmes e Roberts realizaram um estudo com adultos e jovens-adultos (18-45 anos), tendo sido dos primeiros estudos a estudar a co-ruminação relativamente a problemas do próprio ou do outro (dentro da díade) não apenas entre amigos, como também entre colegas de quarto, parceiros românticos e pais. Os resultados demonstraram que as mulheres eram mais propensas que os homens a co-ruminar com os amigos, e que esse tipo de co-ruminação previa elevada sintomatologia depressiva (mas não ansiosa) e maior satisfação nas relações de amizade. No entanto, apesar da associação encontrada entre a co-ruminação com os pais e a ansiedade, a co-ruminação em relacionamentos que não sejam amizades não se mostrou significativamente associada a problemas emocionais. Os autores encontraram ainda que as pessoas que tendiam a co-ruminar num tipo de relacionamento não co-ruminavam necessariamente noutras relações distintas dessa.

Waller e Rose realizaram dois estudos nos quais exploraram a relação entre a co-ruminação do adolescente com a mãe e o seu ajustamento (Waller & Rose, 2010, 2013).

O estudo realizado em 2010, com 516 adolescentes, foi o primeiro a analisar a co-ruminação entre adolescentes (5º, 8º e 11º ano) e uma figura parental (as suas mães). Os resultados sugerem que esta estratégia realizada com as mães está relacionada, tal como acontece com os amigos, quer com aspetos positivos (e.g., maior proximidade e apoio) quer negativos (e.g., problemas de internalização) do ajustamento. Comparativamente com o estudo de Calmes e Robert, os resultados deste estudo revelam um envolvimento mais frequente destes adolescentes (em comparação com os jovens-adultos e adultos) em conversas co-ruminativas com as mães. Segundo as autoras, isto poderá dever-se ao maior apoio que os adolescentes depositam nos pais comparativamente com o menor apoio parental necessário na idade adulta. Como era de esperar, houve mais raparigas do que rapazes a reportarem co-ruminação com as mães sobre os problemas de ambas. Não surgiram, no entanto, diferenças relativamente ao uso da co-ruminação nas diferentes idades dentro da adolescência.

Quanto à correlação entre co-ruminação e ajustamento, os resultados dos relatos dos adolescentes revelaram que a co-ruminação com a mãe sobre problemas maternos estava associada a sintomas de internalização. No entanto, não foi encontrada associação entre a co-ruminação sobre os problemas do adolescentes e dificuldades de ajustamento. Apesar destes resultados irem ao encontro do que Calmes e Robert descobriram, onde referem que a co-ruminação com os pais em jovens-adultos não era um preditor muito consistente de sintomas de internalização, opõe-se ao que acontece, normalmente, na co-ruminação com os amigos. Uma hipótese colocada pelas autoras para justificar este fenómeno é que, com as mães, a co-ruminação, ainda que mantenha a repetitividade e o foco em elevados níveis de afeto negativo, pode basear-se, ainda assim, na discussão dos problemas de forma um pouco mais construtiva do que com os amigos, ponderando, por exemplo, algumas soluções para os problemas. Uma outra hipótese proposta é a de que a co-ruminação mãe-adolescente pode estar apenas indiretamente relacionada com problemas de internalização através da influência que tem no desenvolvimento de relações co-ruminativas com os amigos.

Tendo isto em mente, no estudo transversal realizado em 2013, as autoras tentaram perceber se os adolescentes que co-ruminavam com as mães teriam maior probabilidade de co-ruminar também com os amigos, tentando identificar a existência de uma associação entre a co-ruminação com as mães, com os amigos e sintomas ansiosos e

depressivos. Verificou-se uma correlação positiva significativa entre co-ruminação do adolescente com a mãe (relativa a problemas de ambos) e com os amigos. Quanto ao impacto no ajustamento, apenas a co-ruminação com a mãe sobre problemas maternos apareceu associado a sintomas depressivos e ansiosos, mas não a co-ruminação com a mãe sobre problemas do filho.

Mais recentemente, Stone e colaboradores (2017) realizaram um estudo com 89 adolescentes sem perturbação mental onde encontraram uma associação entre as respostas maternas à expressão de emoções negativas dos filhos adolescentes (9-17 anos) e a tendência para a co-ruminação dos filhos com os amigos. Segundo os autores, as respostas apoiantes maternas às emoções negativas dos filhos estavam linearmente associadas a maior expressão de afeto negativo com os colegas, levando a maior co-ruminação com eles, ao contrário das não apoiantes, onde não se verificou esta associação.

Isto revela, mais uma vez, que, por vezes, as respostas parentais consideradas tipicamente apoiantes na infância podem ter resultados contrários aos esperados na adolescência. Os autores propõem que, enquanto na infância pode ser mais relevante a quantidade de encorajamento da expressão emocional e a quantidade de apoio fornecido aos filhos para identificar e compreender as suas emoções, na adolescência a qualidade ou tipo de apoio fornecido (e.g., foco na resolução de problemas em vez de nas emoções) poderá ser um preditor mais forte do ajustamento. Por exemplo, uma estratégia que poderia ajudar a aliviar o stress não fomentando um foco excessivo nas emoções (ao contrário da co-ruminação) é o distanciamento emocional. Este tem-se demonstrado particularmente adaptativo na adolescência por ser um período marcado por um aumento de reatividade emocional – ao contrário do que acontece na infância, onde as crianças ainda estão a ganhar conhecimento emocional básico e competências de autorregulação.

d) Síntese dos estudos

Com base nos estudos apresentados, as respostas mais frequentemente avaliadas no estudo da socialização emocional na adolescência quer em jovens com perturbações de internalização quer com jovens saudáveis são: a recompensa (e.g., confortar), a punição (e.g., desaprovar ou gozar), a negligência (e.g., ignorar a expressão emocional), a magnificação (e.g., expressar a mesma emoção que o filho) e o distanciamento

emocional (e.g., atenuar/minimizar a emoção expressa). Estas respostas podem ser realizadas perante uma diversidade de emoções, sendo as mais estudadas a tristeza, a raiva e o medo – que são as emoções mais relevantes para o desenvolvimento de problemas de internalização (tristeza, medo) e externalização (raiva) (Malatesta & Wilson, 1988, citado por Klimes-Dougan et al., 2007). No entanto, as emoções positivas, como por exemplo, a alegria expressa pelos filhos, têm também grande relevância e, apesar de menos estudadas, começam já a ser exploradas por alguns autores (e.g., Katz et al., 2014; Yap, Allen, & Ladouceur, 2008).

Comparativamente com a literatura associada à socialização parental na infância, na adolescência parece que o foco na emoção e o encorajamento da expressão emocional (tão importantes na infância) pode nem sempre ser o mais adaptativo (e.g., Miller-Slough e Dunsmore, 2016; Stone e colaboradores, 2017). Como tal, enquanto a minimização na infância (ou, pela literatura da adolescência, o distanciamento emocional) está, segundo os modelos apresentados, associada a maior probabilidade de consequências negativas para a criança, na adolescência parece ser benéfica a desvalorização de alguns tipos de emoção negativa e a diminuição da frequência da discussão emocional, principalmente quando esta está ligada a tendências de co-ruminação (e.g., Waller & Rose, 2010).

Para além disto, enquanto na literatura da infância vários investigadores propõem que os pais influenciam os *outcomes* psicológicos da criança através da regulação emocional dos filhos (mediador), na literatura dos adolescentes explora-se um pouco menos este modelo, havendo mais estudos focados nos efeitos diretos que relatam a associação entre a socialização parental das emoções e o ajustamento psicológico dos adolescentes (Miller-Slough & Dunsmore, 2016).

Quanto à co-ruminação (frequentemente integrada na discussão emocional) os estudos têm revelado uma relação direta entre esta e problemas de ajustamento nas relações com amigos (e.g., Rose et al., 2007). Quando ocorre na relação entre adolescente-mãe, já não se verifica esta associação (e.g., Stone et al., 2017). Este tipo de discussão emocional é um fator que poderá ajudar a explicar o maior risco de as raparigas desenvolverem dificuldades emocionais comparativamente com os rapazes.

É importante ter em conta que as práticas parentais de socialização das emoções não têm um significado positivo ou negativo por si só, mas a sua influência depende de

uma variedade de fatores, como as características dos filhos (e.g., idade, estado de saúde mental, sexo) ou o tipo de emoção à qual os pais respondem. A bidirecionalidade entre as respostas parentais e os comportamentos dos filhos é também um fator relevante a ter em conta.

e) Limitações dos estudos

Todos os estudos apresentados contribuem de forma muito positiva para a literatura da socialização das emoções. Há, no entanto, alguns pontos importantes que não devem ser ignorados. Um deles é que a maioria dos estudos não engloba as respostas parentais a emoções positivas e negativas conjuntamente, focando-se maioritariamente nas respostas a emoções negativas ou, pontualmente, nas positivas. Ao mesmo tempo, a quantidade de estudos da adolescência apenas realizados com os cuidadores femininos é desproporcional relativamente aos que englobam também o cuidador masculino.

Para além disso, os resultados dos estudos que exploraram as respostas parentais a diferentes emoções discretas são pouco consistentes no que se refere ao tipo de respostas fornecidas pelos cuidadores (em conjunto ou pelo pai e mãe separadamente) quer relativamente a filhos e filhas quer relativamente a adolescentes com e sem psicopatologia. Um fator que pode contribuir para as diferenças observadas poderá ser a idade participantes ser diferente entre estudos, uma vez que a adolescência é uma fase do desenvolvimento longa que poderá estar associada a diferenças nas várias etapas que a constituem, quer a nível das respostas parentais, quer na influência que estas têm para o desenvolvimento.

Uma outra questão é o uso de termos diferentes entre os autores para se referirem às mesmas respostas parentais ou a avaliação de respostas ligeiramente diferentes entre os estudos. Também a referência a estratégias apoiantes e não apoiantes está associada a uma seleção de conjuntos de respostas parentais que variam de autor para autor. Isto torna a comparação dos resultados dos vários estudos mais difícil.

Por fim, relativamente à associação entre as práticas parentais e os problemas de internalização dos adolescentes, a grande maioria dos estudos foca-se na depressão, havendo muito menos autores que falem sobre a ansiedade, a somatização ou indicadores

de ajustamento mais positivo. Também há autores que exploram associações entre as respostas parentais e sintomatologia de internalização em geral, não diferenciando as correlações entre essas respostas e cada um dos sintomas de internalização. Para além disto, o facto de a maioria dos estudos ser transversal leva à impossibilidade de descobrir relações causais e de compreender melhor de que modo é que as características dos filhos influenciam as respostas parentais às suas próprias emoções (i.e., bidirecionalidade).

Tendo em conta a revisão de literatura realizada, o presente estudo pretende explorar a continuidade das práticas de socialização emocional ao longo do desenvolvimento e as suas especificidades no período da adolescência; identificar o papel que cada um dos cuidadores tem na socialização emocional dos adolescentes; explorar diferenças nas respostas parentais às emoções dos filhos e das filhas; e explorar a associação entre os comportamentos de socialização emocional parental e *outcomes* de ajustamento negativo e positivo dos adolescentes, com um foco particular na satisfação com a vida.

Parte II – Metodologia

Desenho da investigação

Este estudo enquadra-se no âmbito de uma investigação de Doutoramento intitulada “Socialização das Emoções na Adolescência: Práticas dos Pais e Necessidades dos Filhos”, que está a ser realizada pela Dr.^a Sara Maia. Este projeto de Doutoramento tem como principal finalidade compreender a influência das práticas de socialização emocional parental no ajustamento dos adolescentes (nomeadamente na regulação emocional, satisfação com a vida e sintomatologia depressiva e ansiosa) e aprofundar o conhecimento relativamente ao papel dos pais na regulação emocional dos filhos.

Para a presente investigação, optou-se por um desenho transversal, quantitativo, com propósitos descritivos e correlacionais.

Objetivos de investigação

O objetivo geral desta investigação foi estudar a relação existente entre os comportamentos parentais de socialização emocional e o ajustamento emocional dos filhos e filhas adolescentes, considerando diferentes emoções e o papel de cada um dos cuidadores. Neste âmbito, os objetivos específicos passaram, pela:

- 1) Caracterização dos indicadores de ajustamento dos adolescentes (i.e., nível de satisfação com a vida, presença de traços depressivos e de traços ansiosos) numa amostra comunitária;
- 2) Caracterização dos comportamentos de socialização emocional parental (i.e., respostas parentais e co-ruminação) na adolescência numa amostra comunitária;
- 3) Análise das diferenças relativas ao tipo de comportamentos de socialização parental realizados perante diferentes emoções entre grupos etários;
- 4) Análise das diferenças relativas ao tipo de comportamentos de socialização parental realizados perante diferentes emoções para os adolescentes do sexo feminino e masculino;
- 5) Análise das diferenças entre cuidador masculino e feminino no tipo de comportamentos de socialização realizados perante diferentes emoções dos filhos;
- 6) Exploração da existência de associações entre os comportamentos parentais (i.e., respostas parentais e co-ruminação) e o ajustamento dos adolescentes;

- 7) Análise das contribuições independentes das respostas parentais e da co-
ruminação com os pais para o ajustamento dos filhos adolescentes.

Participantes

Participaram no estudo 352 alunos de duas escolas públicas da região de Lisboa com idade igual ou superior a 12 anos. Desses alunos, 20 tinham mais de 17 anos, tendo estes sido excluídos da análise por não fazerem parte do grupo-alvo definido inicialmente pelo estudo (i.e., adolescentes entre os 12 e os 17 anos). Para além destes, foram ainda excluídos os participantes que identificaram como figuras parentais dois cuidadores parentais femininos ou que identificaram um(a) amigo(a) ou um(a) namorado(a) como cuidador principal, uma vez que os objetivos da investigação passavam por estudar diferenças nos comportamentos parentais masculinos e femininos e a sua associação com o ajustamento dos adolescentes. A amostra final é, deste modo, constituída por 322 alunos, com uma idade média de 14,7 ($SD=1,57$). Dos 322 alunos, 120 pertencem a uma das escolas e 202 à outra escola, com uma distribuição total de 200 raparigas (62,1%) e 119 rapazes (37%); 3 não identificaram o sexo (0.9%).

Caracterização da amostra

Neste estudo, participaram 322 alunos entre os 12 e os 17 anos. A distribuição dos alunos por grupo etário e por sexo é apresentada na Tabela 1.

Tabela 1
Distribuição dos participantes por sexo e grupo etário

Sexo		Grupos Etários			Total
		[12-13]	[14-15]	[16-17]	
Feminino	N	40	81	79	200
	%	12,50%	25,40%	24,80%	62,70%
Masculino	N	34	46	39	119
	%	10,70%	14,40%	12,20%	37,30%
Total	N	74	127	118	319
	%	23,20%	39,80%	37,00%	100%

O estado civil dos pais dos participantes foi identificado, sendo a maioria dos pais casados (54%), outros divorciados (28,9%), alguns solteiros (9,1%), viúvos (1,2%) ou em união de facto (6,6%). A média do número de irmãos é de 1,48 irmãos ($SD=1,76$).

Quanto aos cuidadores parentais, a maioria dos participantes indicou a mãe (92,9%) como cuidador primário feminino e o pai (80,4%) como cuidador primário masculino. Para além do pai e da mãe, foram também identificados o padrasto (10,6%) e a madrasta (1,6%), o avô (3,7%) e a avó (2,5%). Os restantes participantes reportaram ainda outros cuidadores masculinos (4,4%), como o tio, bisavô, cunhado, ex-padrasto, irmão, padrinho, primo, e outros cuidadores femininos (3%), como a bisavó, a ex-madrasta, irmã, madrinha e tia. Ao longo deste trabalho, poderá haver referência ao termo “pai” e “mãe” para indicar o cuidador masculino e feminino, respetivamente. Em geral, 54% dos cuidadores femininos 43% dos masculinos têm formação superior.

Procedimentos

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, pela Direção Geral de Educação e pelas escolas envolvidas.

Antes do contacto com as escolas, os instrumentos de avaliação que seriam aplicados foram transcritos para formato *Teleform*.

Após a obtenção das autorizações necessárias pela Universidade de Lisboa e pela DGE, realizaram-se os contactos com escolas convidadas a participar no presente estudo. Duas escolas públicas da região da Grande Lisboa aceitaram colaborar na presente investigação. Foi pedido aos alunos do 7º ao 12º ano de escolaridade que entregassem aos pais e que trouxessem novamente assinado um consentimento informado que os autorizasse a participar. Sendo o nosso objetivo a recolha de dados associados a cada faixa etária entre os 12 e os 17 anos, a participação foi proposta a todas as turmas das escolas destes anos escolares. Recorreu-se a um método de amostragem por conveniência desenhado de modo a garantir uma distribuição semelhante dos alunos pelos diferentes grupos etários.

A recolha de dados foi realizada entre janeiro e março de 2020. Apenas entraram no estudo os alunos cujo consentimento informado foi assinado pelos respetivos encarregados de educação, dando-lhes conhecimento relativamente ao estudo e autorizando a participação dos adolescentes. Dos 359 alunos convidados da primeira escola, participaram no estudo 137, havendo, assim, uma taxa de adesão de 38,2%. Relativamente à segunda escola, houve uma taxa de adesão de 39,5%, sendo que dos 544 convidados, participaram 215 alunos. No global, a taxa de adesão foi, assim, de 40%.

Em nenhum momento do estudo foram anotados dados pessoais dos alunos que os pudessem identificar, sendo garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados. Antes da administração dos questionários, foi pedido o assentimento oral aos adolescentes, a quem foram explicados os objetivos do estudo, sendo comunicado oralmente que a sua participação seria voluntária. Foram ainda informados que poderiam desistir a qualquer momento, se assim o desejassem, sem quaisquer custos ou riscos associados à sua desistência. Não foram oferecidos quaisquer benefícios pela sua participação. Durante o tempo de preenchimento dos questionários (aproximadamente 45 minutos), um elemento da equipa de investigação esteve sempre disponível para esclarecimentos.

Instrumentos de recolha de dados

Foi pedido aos adolescentes que preenchessem um questionário sociodemográfico e que respondessem a 5 escalas adequadas para avaliar as dimensões que se pretendiam estudar nesta faixa etária. Os instrumentos são descritos em seguida.

Questionário sociodemográfico. Os adolescentes forneceram informações sobre si mesmos (sexo, idade, ano de escolaridade, frequência numa instituição pública ou privada, número de irmãos, agregado familiar) e sobre os seus pais (situação conjugal dos pais, nível de escolaridade dos pais).

Escala de Socialização das Emoções – ESS (Magai, & O’Neal; Versão Portuguesa: Martins, Ferreira-Santos, & Meira, 2018). Esta escala pertence ao *Emotions As a Child Scales Inventory* (EAC). É um instrumento de autorrelato, tendo sido preenchido pelos adolescentes. Avalia a perceção dos adolescentes relativamente ao modo como os pais

respondem às suas emoções, especificamente, ao modo como respondem à tristeza, raiva, medo e alegria do(a) filho(a), havendo 15 itens por emoção. Os adolescentes responderam relativamente ao pai/cuidador primário e à mãe/cuidadora primária separadamente. As respostas foram avaliadas numa escala de *likert* de 5 pontos (1=Nunca, 5=Muito Frequentemente), havendo um total de 120 itens, 60 relativos à mãe e 60 relativos ao pai.

A escala permite avaliar a percepção do adolescente relativamente à utilização de cinco estratégias de socialização emocional parental, sendo elas: 1) recompensa, 2) punição, 3) negligência, 4) distanciamento emocional, 5) magnificação. A subescala *recompensa* é uma medida do reconhecimento e aceitação parental das emoções dos filhos e está associada a comportamentos parentais de conforto, empatia e apoio para lidar com o que despoletou a emoção (e.g., “Quando eu estava triste, a minha mãe ajudou-me a lidar com o problema que me pôs triste”). A subescala *punição* mede até que ponto os filhos percebem que a sua expressão de raiva/medo/tristeza/alegria tem consequências negativas (e.g., “Quando estava zangado, o meu pai/cuidador disse-me que estava a agir de forma demasiado infantil para a minha idade”). A subescala *negligência* avalia se o adolescente percebe o cuidador como alguém que ignora ou desvaloriza as suas emoções negativas (e.g., “Quando estou triste, a minha mãe/cuidadora não deu atenção à minha tristeza”). A subescala de *distanciamento emocional* reflete as tentativas parentais de suavizar a emoção que o jovem sente (e.g., “Quando eu estava com medo, o meu pai disse-me para eu não me preocupar”). Finalmente, a subescala *magnificação* mede até que ponto as emoções parentais igualam ou excedem as emoções expressas pelos filhos (e.g., “Quando estava cheio de alegria, a minha mãe ficou muito alegre”).

Os resultados possíveis de se obter por cada emoção (tristeza, medo, raiva, alegria) para cada cuidador (masculino/feminino) oscilam entre um mínimo de 15 e um máximo de 75 pontos, estando um resultado mais elevado associado a uma maior frequência de utilização das respostas parentais apresentadas anteriormente (recompensa, punição, negligência, distanciamento emocional, magnificação).

Escala Revista de Ansiedade e Depressão em Crianças Versão Reduzida – RCADS-VR (RCADS-SV; Ebesutani et al., 2012a, 2012b). Instrumento de autorrelato que permite a identificação de sintomas de ansiedade e depressão em crianças e adolescentes. É avaliado numa escala de *likert* de 4 pontos (1=Nunca, 4=Sempre). A versão original (Barlow,

2000; Versão Portuguesa: Pereira, & Pedro, 2018) contém um total de 47 itens distribuídos por seis subescalas: Perturbação de Ansiedade de Separação (SAD; 7 itens); Fobia Social (SP; 9 itens), Perturbação de Ansiedade Generalizada (GAD; 6 itens), Perturbação de Pânico (PD; 9 itens), Perturbação Obsessiva Compulsiva (OCD; 6 itens); Perturbação Depressiva Major (MDD; 10 itens). A versão reduzida contém 25 itens, 10 associados à depressão e 15 à ansiedade. Nesta versão, não são discriminadas subescalas de ansiedade, sendo a escala total composta por 3 itens de cada uma das subescalas de ansiedade da versão original do RCADS. Os resultados possíveis de se obter neste questionário oscilam entre um mínimo de 25 e um máximo de 100 pontos, sendo que um resultado mais elevado está associado a mais sintomas de ansiedade/depressão nos adolescentes.

Escala de Satisfação com a Vida (Diener, Emmons, Larsen, & Grifflins, 1985; Versão Portuguesa: Simões, 1992). É um instrumento de autorrelato que avalia a percepção dos adolescentes relativamente à sua vida em geral, não se focando em nenhuma área específica. É avaliado numa escala de *likert* de 5 pontos (1=Discordo Muito, 5=Concordo Muito) e contém um total de 5 itens formulados no sentido positivo (e.g., “As minhas condições de vida são muito boas.”). Os resultados possíveis de se obter nesta escala oscilam entre um mínimo de 5 e um máximo de 25, estando um resultado mais elevado associado a uma maior satisfação com a vida.

Questionário de Co-Ruminação (Waller & Rose, 2010). Instrumento de autorrelato que avalia a co-ruminação com a mãe/cuidadora primária e a co-ruminação com o pai/cuidador primário, quer relativamente a problemas do adolescente quer relativamente a problemas do cuidador. É avaliado numa escala de *likert* de 5 pontos (1=Nada Verdade, 5=Totalmente Verdade). A versão usada neste estudo foi apenas relativamente aos problemas do adolescente, tendo um total de 16 itens, 8 relacionados com a co-ruminação dos problemas do adolescente com a mãe e 8 relacionados com a co-ruminação dos problemas do adolescente com o pai. Este questionário foi traduzido para português neste estudo.

A co-ruminação é avaliada pela frequência da discussão de problemas do adolescente com os pais, pelo encorajamento parental de conversas sobre o problema, pela especulação conjunta sobre o problema e pelo foco repetido no afeto negativo.

Alguns exemplos de itens incluem “Quando eu tenho um problema, o meu pai/cuidador e eu falamos um com o outro acerca disso durante muito tempo”; “Quando a minha mãe/cuidadora e eu falamos sobre um problema que tenho, falamos muito sobre todas as coisas más que podem acontecer por causa do problema.”; “Quando a minha mãe/cuidadora e eu falamos acerca de um problema meu, passamos muito tempo a falar sobre como me sinto zangada/o ou triste.”. Os resultados possíveis de se obter nesta escala oscilam entre um mínimo de 8 e um máximo de 40 para cada um dos cuidadores, estando os valores mais elevados associados a maior grau de co-ruminação.

Análise estatística

As análises estatísticas foram realizadas com o *IBM SPSS Statistics for Windows*, versão 26.0. A base de dados foi criada por *Teleform* e manualmente. Começou por se fazer a análise da qualidade dos dados. Foram identificados e corrigidos valores estranhos nas bases de dados de cada escala e substituíram-se os *missing values* quando o número de valores em falta na subescala não ultrapassava 1/3 dos valores totais da mesma. Nestes casos, os valores foram substituídos pela média do sujeito em cada subescala.

Após a inversão dos itens necessários, foram criadas as subescalas para cada uma das dimensões avaliadas, realizando-se a média dos itens de cada subescala para a criação de um valor total, como descrito nos artigos de cada instrumento. Na ESS, para a escala da negligência, os itens 1 e 12 tiveram de ser invertidos (e.g., “quando eu estava com medo, a minha cuidadora tirou tempo para me dar atenção”, “quando eu estava com medo, a minha cuidadora reagiu ao meu medo). Para as restantes escalas, mantiveram-se os valores dos itens originais.

Na análise da consistência interna das subescalas, foram calculados valores de alfa de Cronbach. Foram considerados aceitáveis valores de alfa de Cronbach $> 0,7$ que, segundo os critérios usados por Marôco (2007), correspondem a um valor adequado, podendo ir até 0,6 quando o número dos itens da escala é baixo.

Foi realizado o teste de normalidade de Kolmogorov-Smirnov para todas as dimensões avaliadas, não se verificando a normalidade das distribuições associada a nenhuma das subescalas. Tendo isto em conta, e uma vez que a amostra deste estudo foi

selecionada por conveniência (não sendo, assim, uma amostra probabilística) optou-se pela análise não paramétrica dos dados. Os testes de hipóteses realizados tiveram um caráter exploratório dado a amostra ser, como referido anteriormente, por conveniência.

Em termos gerais, a análise estatística foi feita numa perspetiva global e comparativa. Nesta última, privilegiou-se a comparação entre os 3 grupos etários [12-13], [14-15], [16-17] e a comparação entre o sexo feminino e masculino dos participantes e dos cuidadores.

Parte III – Resultados

Análises preliminares

Inicialmente, foram realizadas algumas análises preliminares associadas à fiabilidade dos instrumentos utilizados. Relativamente à fiabilidade da ESS, encontra-se em anexo (Anexo I) uma tabela com os resultados de estudo de Martins, Ferreira-Santos, e Meira (2018) para uma população portuguesa associados a cada uma das escalas para o cuidador feminino (único cuidador presente nesse estudo). São também apresentados os alfas de Cronbach do presente estudo para o cuidador masculino e feminino.

No estudo de Martins et al. (2018), os resultados revelam uma boa consistência interna, à exceção da *punição* (tristeza, raiva, medo) e *negligência* (alegria). Quanto ao presente estudo, tendo em conta os resultados de fiabilidade encontrados, foram apenas utilizadas para as análises as escalas de: *recompensa* para ambos os cuidadores e para todas as emoções; *magnificação* para ambos os cuidadores e para todas as emoções; *distanciamento emocional* para ambos os cuidadores apenas para as emoções tristeza, raiva e medo (sendo que a escala de distanciamento emocional do cuidador feminino para a emoção tristeza foi usada removendo-se o item 10); *punição* para o cuidador feminino e masculino apenas para a emoção alegria; *negligência* para todas as emoções para o cuidador masculino e para a tristeza e o medo no cuidador feminino, tendo sido retirado para todas o item 14. Estas escalas apresentaram valores de consistência interna entre 0.62 e 0.92.

Analisando as características do RCADS-VR, de acordo com a revisão sistemática de Piqueras, Martín-vivar, Sandín, Luis, e Pineda (2017), o RCADS-VR tem boa fiabilidade média ($\alpha = 0,84$). A fiabilidade da subescala de ansiedade variou entre 0,80 e 0,91 nos vários estudos analisados e a de depressão variou entre 0,80 e 0,85. No presente estudo, a subescala de depressão apresentou um $\alpha = 0,83$ e a de ansiedade um $\alpha = 0.76$.

No estudo de Neto (1993), a fiabilidade da Escala de Satisfação com a Vida para uma população portuguesa foi satisfatória ($\alpha = 0.78$). No nosso estudo, a consistência interna da escala foi de 0.83.

Finalmente, no estudo de Waller e Rose (2013), a Escala de Co-Ruminação com a mãe sobre problemas do adolescente teve um $\alpha = 0.91$, não tendo sido avaliada a co-

ruminação com o pai. No presente estudo, a escala de co-ruminação com o cuidador feminino manifestou uma consistência interna de 0.90 e a co-ruminação com o cuidador masculino manifestou uma consistência interna de 0.94.

Caracterização dos indicadores de ajustamento dos adolescentes

As estatísticas descritivas associadas aos indicadores de ajustamento dos adolescentes encontram-se na Tabela 2.

Tabela 2
Indicadores de ajustamento dos adolescentes

	<i>Média</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Max</i>
Satisfação Vida	3,77	0,92	1,50	5,00
Depressão	1,92	0,56	1,00	4,00
Ansiedade	2,03	0,42	1,13	3,53

Nota. A satisfação com a vida foi medida numa escala de *likert* de 1 a 5 e a depressão e ansiedade foram medidas numa escala de *likert* de 1 a 4. DP=Desvio padrão. Min=mínimo. Max=máximo.

Com base nos resultados do teste de *Kruskal Wallis*, verificou-se que, relativamente ao ajustamento, a satisfação com a vida ($p=0.001$) é o único indicador que se diferencia de forma significativa ao longo da adolescência, havendo diferenças entre os níveis de satisfação com a vida reportados pelos adolescentes mais velhos comparativamente com os outros dois grupos etários. Os mais velhos, com [16-17] anos, têm uma satisfação com a vida ($mean\ rank = 138,20$) significativamente menor do que os de [12-13] anos ($mean\ rank = 188,57$) e do que os de [14-15] anos ($mean\ rank = 167,30$). Por sua vez, os indicadores de depressão ($p=0,425$) e de ansiedade ($p=0,316$) dos adolescentes em geral comportam-se de maneira idêntica ao longo da adolescência, não havendo diferenças significativas entre grupos etários.

Os resultados do teste *Mann-Whitney* para identificar diferenças em termos globais nos parâmetros de ajustamento entre rapazes e raparigas encontram-se na Tabela 3. No geral, os rapazes reportam maior satisfação com a vida do que as raparigas e as raparigas reportam mais sintomas de depressão e de ansiedade do que os rapazes.

Tabela 3
Diferenças nos indicadores de ajustamento entre rapazes e raparigas

Subescalas	Raparigas (Mean Rank)	Rapazes (Mean Rank)	Mann-Whitney U Test
Satisfação com a Vida	152,15	173,20	13470,50*
Ansiedade	177,53	129,36	8253,50**
Depressão	175,18	133,28	8720,00**

Nota. Resultados a negrito correspondem a valores de Mean Rank mais elevados

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

Diferenças nos comportamentos de socialização emocional parental perante diferentes emoções

As estatísticas descritivas associadas aos comportamentos parentais perante as emoções dos filhos encontram-se na Tabela 4. Para todas as dimensões, o valor mínimo foi 1 e o máximo foi 5. Observa-se que, em geral, a média da magnificação das emoções negativas dos filhos é inferior à das restantes respostas parentais para ambos os cuidadores. Perante as emoções positivas, a estratégia menos usada é a punição da alegria. Em média, parece haver uma maior utilização de estratégias apoiantes do que não apoiantes perante as emoções dos filhos.

Tabela 4
Estatísticas descritivas relativas aos comportamentos parentais

Comportamentos Parentais Masculinos			Comportamentos Parentais Femininos		
	Média	DP		Média	DP
Tristeza			Tristeza		
Recompensa	3,42	1,25	Recompensa	3,89	1,07
Distanciamento	3,02	1,00	Distanciamento	3,65	1,04
Magnificação	2,07	1,05	Magnificação	2,49	1,06
Negligência	2,76	1,22	Negligência	2,28	1,12
Zanga			Zanga		
Recompensa	3,22	1,24	Recompensa	3,55	1,11
Distanciamento	2,75	1,05	Distanciamento	2,88	0,95
Magnificação	1,98	0,97	Magnificação	2,22	1,04
Negligência	2,84	1,16	-	-	-
Medo			Medo		
Recompensa	3,28	1,32	Recompensa	3,72	1,14
Distanciamento	2,84	1,04	Distanciamento	3,00	0,94
Magnificação	1,74	0,87	Magnificação	1,75	0,88
Negligência	2,97	1,32	Negligência	2,63	1,20
Alegria			Alegria		
Recompensa	3,49	1,16	Recompensa	3,75	0,94
Punição	1,50	0,88	Punição	1,44	0,80
Magnificação	2,92	1,10	Magnificação	3,36	1,01
Negligência	2,75	1,11	-	-	-
Co-Ruminação	2,51	1,10	Co-Ruminação	2,98	0,97

Nota. As células não preenchidas correspondem a escalas com baixa fiabilidade, não entrando para as análises apresentadas.
DP=Desvio Padrão.

Diferenças entre o cuidador masculino e feminino no tipo de comportamentos de socialização realizados perante as diferentes emoções dos filhos

Na Tabela 5, estão apresentados os valores significativos do *Wilcoxon Sign Rank Test*, onde são comparados os comportamentos parentais do cuidador masculino e feminino em termos globais. A tabela completa é apresentada em anexo (Anexo II). Verifica-se que, quando existem diferenças significativas entre cuidadores no tipo de práticas realizadas, os cuidadores femininos realizam mais comportamentos de socialização emocional do que os cuidadores masculinos, com exceção da negligência, onde se verificam diferenças no sentido inverso.

Tabela 5
Comparação entre os comportamentos parentais do cuidador masculino e feminino

Subescalas	Cuidador Masculino (Mean Rank)	Cuidador Feminino (Mean Rank)	Wilcoxon Sign Rank Test ^a
Co-Ruminação	114,18	153,94	-7,545**
Tristeza			
Recompensa	95,54	128,63	-7,140**
Distanciamento	126,97	153,26	-9,791**
Magnificação	109,17	125,19	-7,147**
Negligência	119,52	96,22	-6,870**
Zanga			
Recompensa	99,55	119,46	-5,601**
Distanciamento	113,93	123,54	-2,686**
Magnificação	101,14	113,07	-4,736**
Medo			
Recompensa	91,36	117,51	-7,189**
Distanciamento	108,75	120,08	-3,171**
Negligência	122,33	100,34	-4,688**
Alegria			
Recompensa	100,55	127,54	-4,389**
Magnificação	99,82	130,97	-7,193**

Nota. Resultados a negrito correspondem a valores de *Mean Rank* mais elevados

^a Valores baseados em *ranks* negativos

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

Diferenças nos comportamentos de socialização emocional parental nas diferentes fases da adolescência

Nas Tabelas 6 e 7, são apresentados os valores relativos às comparações dos comportamentos parentais entre grupos etários, realizados através do teste de *Kruskal Wallis*. São apresentados apenas os valores significativos, encontrando-se em anexo (Anexos III e IV) as tabelas completas. Verifica-se que, para todos os comportamentos parentais (i.e., co-ruminação e respostas parentais) em que se observam diferenças

significativas entre grupos etários, o grupo dos mais novos, com [12-13] anos, tem valores de *mean rank* superiores ao grupo dos mais velhos [16-17] anos, à exceção da negligência do cuidador masculino perante a zanga e o medo, que é usada mais frequentemente com os mais velhos do que com os mais novos.

Tabela 6

Comparação dos comportamentos parentais masculinos entre grupos etários

Comportamentos Masculinos (Mean Rank)					
	[12-13]	[14-15]	[16-17]	Kruskal Wallis	Ordenação
<i>Recompensa</i>					
Tristeza	185,91	165,35	137,83	13,28**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Zanga	191,02	153,96	145,34	12,17**	(14-15, 16-17) < (12-13)
Medo	186,41	166,81	134,65	16,00**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Alegria	182,22	162,30	142,26	8,86*	(16-17) < (12-13, 14-15)
<i>Distanciamento</i>					
Tristeza	184,46	169,73	134,06	16,24**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Zanga	197,46	154,93	140,21	18,53**	(14-15, 16-17) < (12-13)
Medo	190,43	168,36	130,46	21,67**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
<i>Magnificação</i>					
Medo	184,15	152,18	151,58	7,58*	(14-15, 16-17) < (12-13)
<i>Negligência</i>					
Zanga	137,33	157,00	176,24	8,53*	(12-13) < (16-17)
Medo	139,74	155,86	175,91	7,53*	(12-13) < (16-17)
<i>Punição</i>					
Alegria	185,66	160,60	141,92	14,04**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
Co-Ruminação	183,63	165,93	138,65	11,80**	(16-17) < (12-13, 14-15)

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

Tabela 7

Comparação dos comportamentos parentais femininos entre grupos etários

Comportamentos Femininos (Mean Rank)					
	[12-13]	[14-15]	[16-17]	Kruskal Wallis	Ordenação
<i>Recompensa</i>					
Tristeza	190,86	164,65	138,51	15,17**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
Zanga	182,22	169,70	139,63	11,40**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Medo	181,00	170,84	139,17	11,61**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Alegria	181,29	167,46	141,09	9,76**	(16-17) < (12-13, 14-15)
<i>Distanciamento</i>					
Tristeza	185,23	175,39	130,45	21,54**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Zanga	191,23	163,98	139	14,85**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
Medo	185,64	172,54	134,42	17,19**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Co-Ruminação	174,08	170,20	144,21	6,60*	(16-17) < (12-13, 14-15)

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

Diferenças entre comportamentos de socialização parental perante adolescentes do sexo feminino e masculino

Os resultados do teste *Mann-Whitney* para identificar diferenças em termos globais nos comportamentos parentais entre rapazes e raparigas encontram-se na Tabela 8. São apenas apresentados os resultados significativos. A tabela completa é apresentada em anexo (Anexo V).

Existem poucas diferenças relativamente aos comportamentos parentais realizados para com as raparigas comparativamente com os rapazes. Segundo os resultados obtidos, os cuidadores masculinos tendem a co-ruminar mais com os filhos do que com as filhas. Quer os cuidadores masculinos quer os femininos tendem a punir mais a alegria dos rapazes do que a das raparigas.

Tabela 8
Diferenças nos comportamentos parentais entre raparigas e rapazes

Subescalas	Raparigas	Rapazes	<i>Mann Whitney U test</i>
	(Mean Rank)	(Mean Rank)	
Co-Ruminação Cuidador Masculino	145,29	180,66	14297**
Punição Cuidador Masculino Alegria	144,37	180,76	14309**
Punição Cuidador Feminino Alegria	144,12	185,57	14876**

Nota. Resultados a negrito correspondem a valores de *Mean Rank* mais elevados

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

Correlações entre Comportamentos Parentais e Ajustamento dos Adolescentes

Os valores de referência para as correlações apresentadas em seguida basearam-se nos critérios defendidos por alguns autores (e.g., Field, 2009), considerando valores de coeficiente de correlação de *Spearman* (*rs*) até 0.3 correlações fracas, valores entre 0.3 e 0.5 correlações moderadas e valores acima de 0.5 correlações fortes.

Na tabela 9 e 10 são apresentados os resultados das correlações existentes entre os comportamentos parentais masculinos (Tabela 9) ou femininos (Tabela 10) e os indicadores de ajustamento dos filhos.

Relativamente à co-ruminação, existe uma correlação negativa fraca com a depressão para ambos os cuidadores e uma correlação positiva moderada (para o cuidador feminino) e fraca (para o masculino) com a satisfação com a vida.

Quanto às respostas parentais às emoções dos filhos, o uso de estratégias de recompensa e distanciamento emocional por ambos os cuidadores está, em geral, associado a menos sintomas depressivos (e, pontualmente, ansiosos) e a maior satisfação com a vida. A negligência está correlacionada de forma positiva com a depressão (e, pontualmente, com a ansiedade) e de forma negativa com a satisfação com a vida para ambos os cuidadores. A magnificação comporta-se de modo diferente para as emoções positivas e negativas. A magnificação da zanga correlaciona-se com mais sintomas depressivos (ambos os cuidadores) e ansiosos (cuidador feminino) e, perante a tristeza, correlaciona-se com maior satisfação com a vida (ambos). A magnificação da alegria por ambos os cuidadores está associada a menos depressão e ansiedade e mais satisfação com a vida. Não se verificam correlações significativas entre a punição da alegria e os *outcomes* de ajustamento.

Tabela 9

Correlações entre práticas do cuidador masculino e indicadores de ajustamento dos adolescentes

	Depressão	Ansiedade	Satisfação Vida
Co-ruminação Masculino	-,157**	-,050	,291**
Recompensa			
Tristeza	-,245**	-,074	,329**
Medo	-,302**	-,118*	,393**
Zanga	-,273**	-,104	,338**
Alegria	-,234**	-,090	,352**
Distanciamento			
Tristeza	-,141*	-,064	,259**
Medo	-,241**	-,085	,333**
Zanga	-,239**	-,124*	,289**
Negligência			
Tristeza	,252**	,134*	-,326**
Medo	,268**	,094	-,395**
Zanga	,229**	,075	-,280**
Alegria	,258**	,157**	-,372**
Magnificação			
Tristeza	-,014	,008	,161**
Medo	,041	,038	,069
Zanga	,130*	,099	,044
Alegria	-,186**	-,128*	,332**
Punição			
Alegria	,018	-,042	-,028

Nota. Resultados dos valores do coeficiente de correlação de *spearman*. Resultados a negrito salientam as correlações estatisticamente significativas.

** Correlação é significativa para um nível 0.01 (2-tailed)

* Correlação é significativa para um nível 0.05 (2-tailed)

Tabela 10

Correlações entre práticas do cuidador feminino e indicadores de ajustamento dos adolescentes

	Depressão	Ansiedade	Satisfação Vida
Co-ruminação Feminino	-,219**	-,025	,349**
Recompensa			
Tristeza	-,283**	-,117*	,423**
Medo	-,258**	-,069	,402**
Zanga	-,310**	-,142*	,414**
Alegria	-,166**	-,033	,351**
Distanciamento			
Tristeza	-,178**	-,097	,261**
Medo	-,135*	-,030	,257**
Zanga	-,212**	-,104	,278**
Negligência			
Tristeza	,301**	,131*	-,398**
Medo	,214**	,060	-,344**
Zanga	-	-	-
Alegria	-	-	-
Magnificação			
Tristeza	-,051	,054	,195**
Medo	,032	,097	,079
Zanga	,138*	,145**	,035
Alegria	-,160**	-,115*	,311**
Punição			
Alegria	,096	,038	-,084

Nota. Resultados dos valores do coeficiente de correlação de *spearman*. As células não preenchidas pertencem a escalas com baixa fiabilidade, não entrando para as análises apresentadas. Resultados a negrito salientam as correlações estatisticamente significativas.

** Correlação é significativa para um nível 0.01 (2-tailed)

* Correlação é significativa para um nível 0.05 (2-tailed)

Correlações entre comportamentos parentais e ajustamento das raparigas e rapazes

Na Tabela 11, são apresentados os resultados das correlações existentes entre os comportamentos parentais globais (sem separação entre comportamentos masculinos e femininos) e entre os indicadores de ajustamento das raparigas e dos rapazes. Salientam-se algumas diferenças no modo como as respostas parentais estão associadas ao ajustamento das filhas e dos filhos.

Para estas análises, somaram-se as práticas equivalentes do cuidador masculino e feminino para cada emoção (e.g., soma da recompensa do cuidador masculino com a recompensa do cuidador feminino para a tristeza). Assim, são consideradas quatro práticas por emoção: para as emoções negativas, incluiu-se a recompensa, negligência, distanciamento emocional e magnificação; para as positivas, incluiu-se a recompensa, negligência, punição e magnificação.

Relativamente à co-ruminação, existe uma correlação negativa fraca com a depressão apenas para as raparigas e uma correlação positiva com a satisfação com a vida para rapazes (correlação fraca) e raparigas (correlação moderada).

Para as raparigas, a recompensa, distanciamento emocional e negligência estão correlacionadas com a maioria dos *outcomes* de ajustamento. As duas primeiras estão, em geral, correlacionadas de forma negativa com a ansiedade e depressão e de forma positiva com a satisfação com a vida; a última, negligência, tem correlações positivas com os sintomas de internalização e negativas com a satisfação com a vida. As correlações mais fortes são entre a utilização destas estratégias e a satisfação com a vida. Observam-se menos correlações entre estas três práticas e os *outcomes* de ajustamento dos rapazes comparativamente com o que se verifica nas raparigas.

Para os rapazes, os valores que mais se salientam são a importância que a recompensa, o distanciamento emocional (de forma positiva) e a negligência (de forma negativa) das diferentes emoções têm para a sua satisfação com a vida. Salientam-se também as correlações positivas da negligência (e, mais pontualmente, das outras respostas) com sintomas depressivos.

A magnificação contribui para maior satisfação com a vida perante emoções positivas em ambos os sexos e para menos sintomatologia depressiva e ansiosa para as raparigas. Perante as emoções negativas, a magnificação da tristeza está correlacionada positivamente com a satisfação com a vida, e a magnificação da zanga e do medo está positivamente relacionada com indicadores de ajustamento negativo para os filhos e filhas.

Tabela 11

Correlações entre práticas parentais e indicadores de ajustamento das raparigas vs rapazes

	RAPARIGAS			RAPAZES		
	Depressão	Ansiedade	Satisfação Vida	Depressão	Ansiedade	Satisfação Vida
Co-ruminação	-,235**	-0,061	,400**	-0,14	0,07	,289**
Recompensa						
Tristeza	-,368**	-,233**	,499**	-0,18	0,086	,273**
Medo	-,415**	-,246**	,536**	-,188*	0,086	,283**
Zanga	-,368**	-,207**	,453**	-,239**	0,015	,326**
Alegria	-,292**	-0,133	,463**	-0,163	0,027	,230*
Distanciamento						
Tristeza	-,247**	-,177*	,361**	-0,106	0,01	,208*
Medo	-,321**	-,198**	,415**	-0,112	0,074	,246**
Zanga	-,249**	-,186**	,298**	-,199*	-0,006	,299**
Negligência						
Tristeza	,337**	,237**	-,457**	,302**	0,023	-,318**
Medo	,350**	,249**	-,482**	,184*	-0,141	-,314**
Zanga ^a	,268**	0,119	-,335**	0,157	-0,03	-0,177
Alegria ^a	,270**	,171*	-,392**	,233*	0,097	-,320**
Magnificação						
Tristeza	-0,089	-0,05	,206**	0,021	0,157	,193*
Medo	0,016	0,01	0,061	0,122	,229*	0,085
Zanga	0,112	,181*	0,016	,248**	0,115	0,054
Alegria	-,259**	-,162*	,440**	-0,118	-0,067	,238**
Punição						
Alegria	,169*	0,079	-,215**	0,141	0,097	-0,018

Nota. Resultados dos valores do coeficiente de correlação de spearman. Resultados a negrito salientam as correlações estatisticamente significativas. *Raparigas* (N=199). *Rapazes* (N=117).

^a Os valores da negligência da zanga e da alegria integram apenas a negligência do cuidador masculino, devido à baixa fiabilidade das escalas de negligência do cuidador feminino para estas emoções.

** Correlação é significativa para um nível 0.01 (2-tailed)

* Correlação é significativa para um nível 0.05 (2-tailed)

Análise fatorial exploratória

Para as análises posteriores, foi necessário realizar uma redução de dimensões. Os autores Guo, Mrug, e Knight (2017) estudaram a estrutura fatorial do instrumento *Emotions as a Child Scale* (EAC), tendo realizado uma análise fatorial exploratória a partir dos itens desta escala para extrair fatores associados às práticas parentais realizadas para cada emoção negativa (a versão analisada não integrava as emoções positivas). Os autores identificaram que, para todas as emoções, surgiram dois fatores, aos quais chamaram de respostas não apoiantes e respostas apoiantes. O primeiro fator integrava a

respostas de punição e magnificação. O segundo fator englobava a recompensa, o distanciamento emocional e os itens originais da negligência².

Deste modo, para as análises seguintes serão consideradas como estratégias não apoiantes das emoções negativas as respostas de magnificação e como estratégias apoiantes a recompensa, o distanciamento emocional e a ausência de negligência (i.e., negligência composta pelos itens não invertidos).

Relativamente às emoções positivas (i.e., alegria), foi realizada, no presente estudo, uma análise fatorial exploratória para redução de fatores associados às estratégias parentais usadas como resposta à alegria dos filhos, tendo por base as dimensões criadas inicialmente a partir dos itens. Para a negligência, foram usados os itens originais, tal como fizeram os autores Guo, Mrug, e Knight (2017).

O determinante da matriz de correlações da análise fatorial realizada foi de 0.040 (< 0.00001), garantindo que não existe excesso de multi-colinearidade. O *scree plot* sugeriu a existência de dois fatores (*Eigenvalue* = 1.712). A análise foi realizada com a rotação *Varimax*, sendo o *KMO* (*Kaiser-Meyer-Olkin measure of sampling adequacy*) de 0.62 e verificando-se que o teste de esfericidade de *Bartlett* foi significativo ($\chi^2(21) = 997.369$, $p < 0.05$). Estes valores suportam a adequação da análise fatorial (Damasio, 2012).

A estrutura fatorial explicou 68% da variância total. Tal como apresentado na Tabela 12, o procedimento estatístico separou claramente as respostas parentais de punição (punição do cuidador masculino e punição do cuidador feminino) das restantes respostas parentais à alegria (i.e., recompensa de ambos os cuidadores, magnificação de ambos os cuidadores e ausência de negligência do cuidador masculino – não existindo negligência do feminino devido ao valor de alfa de Cronbach inicial). O primeiro fator (i.e., punição) foi nomeado “respostas não apoiantes perante emoções positivas” e o

² Nestas análises, os itens da negligência são apresentados como aparecem originalmente no questionário (e.g., “Quando eu estava com medo, o meu cuidador reagiu ao meu medo”) em vez de aparecerem invertidos (para criar a dimensão de negligência os itens tiveram de ser invertidos). Assim, valores mais elevados nestes itens, em vez de revelarem maior negligência parental, revelam ausência de negligência, daí pertencerem ao grupo das estratégias apoiantes.

segundo fator “respostas apoiantes perante emoções positivas”. Os *loadings* apresentados para cada resposta parental foram superiores a 0.6 e nenhum apresentou *loadings* para os dois fatores.

Tabela 12

Loadings dos itens da análise fatorial exploratória para as emoções positivas

Respostas parentais ^a	Fator 1	Fator 2
Punição Cuidador Feminino	0,919	
Punição Cuidador Masculino	0,917	
Recompensa Cuidador Masculino		0,855
Magnificação Cuidador Masculino		0,832
Recompensa Cuidador Feminino		0,796
Magnificação Cuidador Feminino		0,773
Negligência Cuidador Masculino		0,629

^a Método de extração: Análise principal de componentes.

Análise das contribuições independentes dos comportamentos parentais para o ajustamento os filhos adolescentes

Foi realizada uma análise de regressão linear múltipla hierárquica para explorar potenciais preditores dos indicadores de ajustamento dos adolescentes. O pressuposto de normalidade foi testado para as variáveis dependentes (i.e., depressão, ansiedade e satisfação com a vida). Não se verificando, para nenhuma das variáveis, uma distribuição normal, a ansiedade e a depressão foram sujeitas a uma transformação para uma função logarítmica. Não se conseguiu realizar uma transformação de variável para a satisfação com a vida que verificasse as condições de aplicabilidade para usar a regressão linear. Assim, as análises seguintes não incluirão modelos associados a este indicador de ajustamento.

Para as novas variáveis transformadas, verificou-se a normalidade da distribuição (Marôco, 2018) sendo que, para ambas, a divisão entre os valores de assimetria e de achatamento pelos seus erros-padrão se encontram dentro do intervalo [-1,96; 1,96]. Assume-se, desta forma, que as distribuições são aproximadamente simétricas e mesocúrticas, características da distribuição normal. Verificou-se também a ausência de auto-correlação entre as variáveis residuais, através do teste *Durbin-Watson*. Para todos

os modelos, os valores encontram-se entre [1,9; 2,0], o que garante a independência dos resíduos (Marôco, 2018). Os valores de VIF para todas as dimensões são < 5 , indicando que não existe excesso de multi-colinariade.

Os modelos analisados foram testados em diferentes passos, forçando a entrada das variáveis anteriormente selecionadas. Num primeiro passo, foram introduzidas as variáveis sociodemográficas dos adolescentes (sexo e idade). Posteriormente, introduziram-se as respostas parentais (maternas ou paternas) às emoções negativas, depois as respostas às emoções positivas e, por fim, a co-ruminação.

Em seguida, são descritos apenas os resultados dos passos que trouxeram uma explicação adicional aos anteriores. A Tabela 13 apresenta esses valores para cada uma das variáveis dependentes e para cada um dos cuidadores. As tabelas completas encontram-se em anexo (anexos VI a IX)

1. Será que a sintomatologia depressiva pode ser predita pelos comportamentos parentais?

Para todos os modelos, o sexo dos adolescentes revela-se como preditor da sintomatologia depressiva, verificando-se níveis mais elevados de sintomas depressivos nas raparigas do que nos rapazes.

a) Respostas maternas às emoções dos filhos

Os resultados da regressão linear hierárquica revelam que as variáveis introduzidas no primeiro modelo (sexo e idade dos adolescentes) contribuem para explicar de forma significativa os seus sintomas de depressão ($F(2,311) = 8,980, p = 0.000$), explicando 4,9% da variação da variável dependente. A introdução das respostas maternas às emoções negativas dos filhos provocou uma mudança significativa no ajustamento do modelo, contribuindo para um acréscimo de 12,5% na explicação da variação dos sintomas depressivos dos adolescentes ($F(8,305) = 8,367, p = 0.000$).

Contudo, apenas o sexo dos adolescentes, as respostas maternas apoiantes da tristeza e as respostas maternas apoiantes e não apoiante da zanga se revelam enquanto preditores significativos dos sintomas depressivos. As respostas apoiantes da tristeza e da

zanga por parte do cuidador feminino contribuem para o decréscimo dos sintomas depressivos, enquanto as respostas não apoiantes à zanga contribuem para o seu aumento.

b) Respostas paternas às emoções dos filhos

Relativamente aos comportamentos de socialização do cuidador masculino às emoções dos filhos, as variáveis introduzidas no primeiro modelo (sexo e idade dos adolescentes) contribuem para explicar de forma significativa os sintomas de depressão ($F(2,309)=9,349, p=0.000$), explicando 5,1% da variação da variável dependente. A introdução das respostas paternas às emoções negativas dos filhos provocou uma mudança significativa no ajustamento do modelo, contribuindo para um acréscimo de 11,6% na explicação da variação dos sintomas depressivos dos adolescentes ($F(8,303)=7,945, p=0.000$).

Contudo, apenas o sexo dos participantes, as respostas do cuidador masculino não apoiantes da zanga e as respostas apoiantes do medo se revelam enquanto preditores significativos dos sintomas depressivos. As respostas não apoiantes da zanga contribuem para o aumento dos sintomas depressivos, enquanto as respostas apoiantes do medo contribuem para o seu decréscimo.

2. Será que a sintomatologia ansiosa pode ser predita pelos comportamentos parentais?

Para todos os modelos, o sexo dos adolescentes revela-se como preditor da sintomatologia ansiosa, verificando-se níveis mais elevados de ansiedade nas raparigas do que nos rapazes.

a) Respostas maternas às emoções dos filhos

Os resultados da regressão linear hierárquica revelam que as variáveis introduzidas no primeiro modelo (sexo e idade dos adolescentes) contribuíram para explicar de forma significativa os sintomas de ansiedade ($F(2,311)=10,341, p=0.000$), explicando 5,6% da variação da variável dependente. A introdução das respostas maternas às emoções negativas dos filhos provocou uma mudança significativa no

ajustamento do modelo, contribuindo para um acréscimo de 7,8% na explicação da variação dos sintomas depressivos dos adolescentes ($F(8,305)=6,217, p=0.000$).

Contudo, apenas o sexo, as respostas maternas apoiantes da tristeza e não apoiantes da zanga se revelam enquanto preditores significativos dos sintomas ansiosos. As respostas apoiantes da tristeza contribuem para o decréscimo da ansiedade, enquanto as respostas não apoiantes da zanga contribuem para o acréscimo dos sintomas ansiosos.

b) Respostas paternas às emoções dos filhos

Quanto ao cuidador masculino, os resultados da regressão linear revelam que as variáveis introduzidas no primeiro modelo (sexo e idade dos adolescentes) contribuem para explicar de forma significativa os sintomas de ansiedade ($F(2,309)=11,153, p=0.000$), explicando 6,1% da variação da variável dependente. A introdução das respostas paternas às emoções negativas dos filhos, as respostas às emoções positivas e a co-ruminação com o pai não trouxeram nenhuma explicação adicional ao modelo. Apenas o sexo dos participantes se revela enquanto preditor significativo dos sintomas ansiosos neste modelo.

Tabela 13

Regressão linear múltipla. Comportamentos parentais preditores da sintomatologia depressiva e ansiosa.

	Depressão ^a		Depressão ^a		Ansiedade ^a		Ansiedade ^b	
	Cuidador Feminino		Cuidador Masculino		Cuidador Feminino		Cuidador Masculino	
	β	Part	β	Part	β	Part	β	Part
Idade	0,008	0,008	0,019	0,018	-0,080	-0,078	-0,054	-0,054
Sexo	0,218**	0,211	0,232**	0,225	0,257**	0,249	0,261**	0,259
Apoiantes Tristeza	-0,201*	-0,116	0,111	0,043	-0,253**	-0,146	-	-
Não Apoiantes Tristeza	0,088	0,061	0,025	0,017	0,090	0,063	-	-
Apoiantes Zanga	-0,181*	-0,127	-0,123	-0,052	-0,107	-0,075	-	-
Não Apoiantes Zanga	0,189**	0,160	0,176*	0,125	0,129*	0,109	-	-
Apoiantes Medo	0,030	0,018	-0,318**	-0,143	0,161	0,097	-	-
Não Apoiantes Medo	-0,062	-0,048	0,018	0,012	0,045	0,035	-	-
Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-	-
Não Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-	-
Co-ruminação	-	-	-	-	-	-	-	-

Nota. Resultados a negrito salientam os valores estatisticamente significativos. Células não preenchidas correspondem aos valores dos passos que não acrescentaram valor explicativo ao passo anterior.

^a Para estes modelos, apenas a introdução das respostas às emoções negativas acrescentaram valor explicativo ao passo anterior

^b Para este modelo, nenhum dos comportamentos paternos contribuiu para explicar a sintomatologia ansiosa.

** Valor significativo para um nível 0.01

* Valor significativo para um nível 0.05

Parte IV – Discussão

Com este estudo, pretendeu-se explorar de que modo os comportamentos parentais de socialização emocional na adolescência estão relacionados com o ajustamento emocional dos filhos. Houve um foco particular quer na exploração das diferenças associadas às práticas realizadas pelos cuidadores masculinos e femininos para com os(as) filhos(as), quer na avaliação das respostas parentais em função da idade do adolescente e da emoção expressa.

1. Caracterização dos indicadores de ajustamento positivo e negativo

A maioria dos estudos sobre a socialização parental das emoções foca-se no modo como as respostas parentais se relacionam com *outcomes* de ajustamento negativo dos filhos (Ramakrishnan, Garside, Labella, & Klimes-Dougan, 2019). No entanto, a análise dos índices de adaptação e de bom ajustamento, incluindo medidas de bem-estar e satisfação com a vida, é essencial para uma compreensão da saúde mental e da patologia, principalmente tendo em conta que os índices de adaptação e desadaptação, apesar de correlacionados, se têm revelado como fatores distintos. Deste modo, um dos fatores inovadores deste estudo foi a avaliação dos níveis de satisfação com a vida dos adolescentes para além dos sintomas de internalização (i.e., depressão e ansiedade), e a exploração do modo como as respostas parentais se relacionam com cada um destes indicadores.

A satisfação com a vida corresponde à avaliação cognitiva consciente da qualidade da própria vida, baseada em critérios pessoais (Pavot & Diener, 1993). No presente estudo, os **adolescentes mais velhos reportaram uma satisfação com a vida significativamente menor** do que os dois outros grupos etários. A literatura relativamente à variação da satisfação com a vida ao longo da adolescência é controversa, havendo estudos que identificam um decréscimo na satisfação com a vida ao longo da adolescência (e.g., Bisegger et al., 2005; Goldbeck, Schmitz, Besier, Herschbach, & Henrich, 2007) e outros que não encontram quaisquer diferenças significativas na satisfação com a vida dos adolescentes mais novos comparativamente aos mais velhos (e.g., Huebner et al., 2000, citado por Huebner, 2004).

Ainda assim, a diminuição da satisfação com a vida durante a adolescência, observada nos nossos resultados, poderá estar associada aos desafios com os quais os adolescentes se deparam durante o processo de transição para a idade adulta, que podem levar a um aumento da vulnerabilidade do adolescente (Goldbeck et al., 2007). Esta diminuição deve ser tomada como um fenómeno normativo e não patológico. No entanto, uma vez que poderá estar associada a maior propensão para o desenvolvimento de sintomas de internalização, é importante ter em atenção este decréscimo.

Os rapazes reportaram, neste estudo, mais satisfação com a vida do que raparigas. Existe pouca consistência nos resultados dos estudos relativamente às diferenças entre os dois sexos associadas à satisfação com a vida, possivelmente devido a fatores como diferenças na idade dos participantes ou nos domínios da satisfação com a vida avaliados em cada estudo (e.g., escola, família, amigos, global). No artigo de meta-análise de Chen, Cai, He e Fan (2019) que integra estudos sobre a satisfação com a vida em crianças e adolescentes entre os 9 e os 20 anos, os autores analisam estudos que, tal como o nosso, encontram também diferenças no mesmo sentido entre rapazes e raparigas. Contudo, concluem que, em geral, não se verificam diferenças significativas na satisfação com a vida entre os dois sexos, apesar de os rapazes reportarem maior satisfação com a vida em termos descritivos. É importante considerar que, no presente estudo, foi usada uma escala da satisfação global com a vida, e não por domínios, e que o intervalo de idades dos adolescentes é menor do que os da meta-análise, podendo isto acrescentar alguma justificação relativamente às diferenças de género encontradas.

Relativamente aos indicadores de ajustamento negativo, nas análises globais, não se verificam diferenças significativas nos níveis de depressão e ansiedade em cada etapa da adolescência. No entanto, quando se tem em conta o sexo dos adolescentes, as diferenças relativamente à sintomatologia de internalização entre rapazes e raparigas tornam-se salientes. Em termos gerais, as **raparigas reportaram mais sintomas de depressão e de ansiedade do que os rapazes**, indo ao encontro do que é descrito na literatura (e.g., Maughan, Collishaw, & Stringaris, 2014; Siegel & Dickstein, 2011).

2. Respostas de socialização emocional parental

2.1. Caracterização das respostas parentais

Independentemente da emoção expressa pelos filhos, a resposta que os adolescentes percebem, em média, como mais frequente por parte de ambos os pais é a recompensa das suas emoções. Isto significa que, perante as emoções negativas dos filhos, os pais têm a tendência para realizar respostas que fomentem um estilo de *coping* que permita lidar com o problema (e.g., pensando em alternativas para alterar o que está a causar a experiência emocional negativa) ou com a emoção sentida (promovendo a regulação emocional). Ao mesmo tempo, perante as emoções positivas, há uma tendência para partilhar da alegria dos filhos e de os ajudar a apreciar a experiência emocional. É importante considerar que a amostra recolhida é comunitária, não clínica.

Para além da recompensa, observa-se também uma tendência para os pais responderem às **emoções negativas** dos filhos através de estratégias de distração ou distanciamento emocional, fomentando um afastamento da experiência emocional negativa atual ou tentando tranquilizar relativamente àquilo pelo qual estão a passar (e.g., “compro-me algo que eu gostava”, “disse-me para não me preocupar”). Em contrapartida, os adolescentes percebem, ainda assim, que muitas das suas emoções não são atendidas pelos pais, reportando níveis de negligência médios a par dos níveis de distanciamento emocional. Finalmente, a magnificação das três emoções negativas é a estratégia menos usada pelos pais. Em média, ambos os cuidadores usam mais frequentemente estratégias de recompensa, distanciamento emocional e magnificação perante a tristeza do que perante as restantes emoções negativas, havendo uma perceção, por parte dos filhos, de menor negligência da sua tristeza do que do medo e da raiva.

Relativamente às **emoções positivas**, apesar de haver uma perceção de alguma negligência por parte do cuidador masculino, a perceção de recompensa (por ambos) e magnificação (principalmente pela mãe) das emoções positivas é elevada em termos descritivos. A punição das emoções positivas é, em média, relativamente baixa para ambos os cuidadores.

Em resumo, os adolescentes deste estudo têm a perceção de que **ambos os cuidadores realizam mais estratégias apoiantes do que não apoiantes** perante as suas

emoções positivas e negativas. As diferenças das reações parentais a cada emoção negativa dos filhos não são, em termos descritivos, muito salientes, verificando-se, no entanto, **maior resposta à tristeza do que à zanga e ao medo.**

2.2. Diferenças entre cuidadores

Um dos grandes objetivos deste estudo foi compreender o modo como cada um dos cuidadores parentais reage às emoções dos filhos e explorar diferenças relativamente ao tipo de respostas fornecidas pelo cuidador masculino e feminino, principalmente devido à escassez de estudos que envolvam ambos os cuidadores.

Em geral, segundo a perceção dos adolescentes, quando existem diferenças significativas entre cuidadores no tipo de práticas realizadas, os cuidadores **femininos realizam mais comportamentos de socialização emocional** do que os cuidadores masculinos. Estes comportamentos integram respostas apoiantes, como a recompensa e o distanciamento emocional (e a magnificação da alegria), mas também não apoiantes, como a magnificação das emoções negativas. Ao mesmo tempo, os **pais negligenciam mais** as emoções dos filhos do que as mães. Existem, no entanto, algumas respostas onde não se verificam diferenças, nomeadamente a magnificação do medo e a punição da alegria, que tendem a ser realizadas com a mesma frequência por ambos.

Estes resultados sugerem que, tal como afirma Klimes-Dougan (2007), as **mães são agentes de socialização emocional mais ativas do que os pais, estando mais envolvidas na vida emocional dos filhos.**

2.3. Diferenças entre grupos etários

Segundo os resultados observados, com o desenvolvimento, há uma **diminuição das respostas de socialização emocional por parte dos cuidadores.** À medida que os filhos vão crescendo, vão percecionando um decréscimo no uso de estratégias de recompensa e de distanciamento emocional por ambos os cuidadores e também no uso de magnificação do medo e punição da alegria pelo cuidador masculino. A negligência aparece com um comportamento diferente, havendo uma perceção de maior negligência do pai associada aos mais velhos comparativamente com os mais novos. Esta diminuição

das reações parentais às emoções dos adolescentes ao longo do desenvolvimento poderá estar associada, como referido anteriormente, ao afastamento do adolescente relativamente aos pais em termos de procura de apoio social (American Psychological Association, 2002) e, conseqüentemente, à diminuição da intervenção parental em assuntos emocionais comparativamente com a sua ação no início da adolescência.

2.4. Diferenças entre rapazes e raparigas

Nas análises globais, **há poucas diferenças no modo como os pais respondem aos rapazes e às raparigas**. Salientam-se apenas diferenças associadas às respostas perante emoções positivas, nomeadamente maior punição da alegria dos filhos rapazes comparativamente com as raparigas por ambos os cuidadores. Conclui-se que os cuidadores parentais tendem a responder mais de forma não apoiante às emoções positivas dos rapazes, por comparação às suas reações às emoções positivas das raparigas.

Foram poucos os autores que estudaram as respostas de socialização parental às emoções positivas dos filhos. Por um lado, Katz e colaboradores (2014) e Yap, Allen e Ladouceur (2008) estudaram diferenças entre uma população de adolescentes com e sem depressão clínica, dificultando as comparações com os resultados do presente estudo. Por outro lado, os resultados entre os estudos existentes são pouco coerentes no que toca ao papel do pai e da mãe na socialização do afeto positivo dos filhos.

Na presente investigação, os resultados sugerem que ambos os cuidadores tendem a responder de forma idêntica às emoções negativas dos rapazes e das raparigas. Pelo contrário, reagem mais de forma não apoiante à alegria de adolescentes do sexo masculino do que feminino.

3. Respostas de socialização emocional parental e ajustamento dos filhos

3.1. Correlações entre as respostas parentais e o ajustamento dos adolescentes

As respostas de socialização emocional parental estão associadas à depressão, ansiedade e satisfação com a vida na adolescência. Em geral, os sintomas depressivos aparecem correlacionados com o modo como os pais reagem às emoções dos filhos,

enquanto os **sintomas ansiosos não variam tanto em função dessas respostas**, independentemente de serem realizadas pelo cuidador masculino ou feminino.

Como referido inicialmente na revisão de literatura, uma das limitações dos estudos existentes relativamente à socialização emocional parental é que a maioria dos estudos se foca em comparações entre adolescentes com depressão e sem depressão (e.g., Shortt et al., 2016; Yap, Allen, & Ladouceur, 2008) ou então referem associações entre as respostas parentais e problemas de internalização em geral, não diferenciando como é que essas respostas estão correlacionadas com cada um dos sintomas (e.g., depressivos, ansiosos) em particular (e.g., Klimes-Dougan et al., 2007). Ainda assim, seria de esperar que as respostas não apoiantes às emoções negativas dos filhos dificultassem a sua regulação emocional, como refere Eisenberg (1996), o que levaria a maiores níveis de ansiedade.

No entanto, Ramirez (2018), tendo encontrado resultados semelhantes aos nossos (ao verificar correlações mais significativas entre as respostas parentais e a depressão do que entre as respostas parentais e a ansiedade), coloca a hipótese de que, perante as reações não apoiantes dos pais (negligência, punição, magnificação), haverá uma maior probabilidade de os filhos experienciarem tristeza (mais associada ao desenvolvimento de depressão) do que medo (mais típico da ansiedade). Assim, poderá colocar-se a hipótese de que **a depressão é mais influenciada pelas respostas parentais diretas às emoções dos filhos, enquanto a ansiedade dependerá mais de outros fatores.**

Também poderá acontecer que a maior variação dos sintomas depressivos em função das respostas parentais se deva ao relato derivado de uma perceção enviesada que os filhos com humor depressivo poderão ter. Estes poderão apresentar uma tendência mais consistente para reportar menos estratégias apoiantes por parte dos pais levando, assim, a correlações mais fortes entre as respostas parentais e a depressão, o que já não se passaria em relação a filhos com ansiedade.

As respostas parentais encontram-se todas correlacionadas com a sintomatologia depressiva, à exceção da magnificação da tristeza e do medo e da punição da alegria por ambos os cuidadores. A recompensa e o distanciamento emocional realizados por ambos os pais estão associados a níveis baixos de sintomas depressivos dos adolescentes (e níveis mais elevados de satisfação com a vida) enquanto a negligência

está associada a um nível mais elevado de sintomatologia depressiva (e valores de baixa satisfação com a vida). As primeiras duas estratégias parecem, assim, comportar-se como facilitadoras do bom ajustamento dos adolescentes, quer quando realizadas como resposta a emoções negativas quer positivas, enquanto a negligência se comporta como um entrave ao ajustamento positivo. **A recompensa e a negligência são as respostas parentais com correlações mais fortes com o ajustamento.** Algo que pode justificar estas associações tão salientes entre a negligência e o ajustamento é a limitação das oportunidades que o adolescente tem para processar a emoção sentida e a sensação de que os cuidadores não estão presentes naquele momento para atender às suas necessidades emocionais (Briscoe et al., 2019) estando, assim, associada a piores indicadores de ajustamento.

A magnificação, por sua vez, tem comportamentos diferentes dependendo da emoção a que se dirige. A magnificação da alegria é um facilitador do ajustamento, permitindo uma experiência emocional positiva mais intensa e prolongada por parte do adolescente. A capacidade de intensificar e prolongar o agrado de um acontecimento positivo é particularmente relevante, podendo amenizar o desenvolvimento de alguns sintomas depressivos, como a desesperança e a anedonia. (Katz, et al., 2014)

Pelo contrário, a magnificação da zanga está associada a maior sintomatologia depressiva (e, se for realizada pelas mães, também a maior sintomatologia ansiosa). Na magnificação da tristeza, apesar de estarmos perante uma emoção negativa, não se verificam correlações significativas com sintomatologia de internalização, como acontece com a zanga. Observa-se, pelo contrário, uma correlação positiva (ainda que fraca) com a satisfação com a vida. Isto poderá dever-se a uma perceção, por parte do jovem, de maior empatia, compreensão e apoio parental perante as suas demonstrações de tristeza, sobrepondo-se isto ao impacto que o foco emocional negativo e o aumento da intensidade da experiência emocional negativa (típicos da magnificação) têm para o ajustamento.

Apesar de no estudo sobre a estrutura fatorial da *Emotion As Child Scale* de Guo, Mrug e Knight (2017) se concluir que a magnificação funciona como uma estratégia não apoiante, Klimes-Dougan e colaboradores afirmaram que a magnificação em resposta ao medo e à tristeza pode ser agrupada com as restantes estratégias apoiantes por partilhar com elas algumas características associadas ao ajustamento positivo dos jovens (Klimes-Dougan et al., 2001, citado por Guo, Mrug, & Knight 2017), o que vai ao

encontro dos nossos resultados. O diferente comportamento que a magnificação tem perante emoções negativas poderá estar relacionado com o alvo da emoção parental; ou seja, enquanto os pais se entristecem por os filhos estarem tristes, quando se trata da zanga os pais zangam-se com os próprios filhos (e não com o alvo da zanga dos filhos). Deste modo, é compreensível que os resultados da magnificação dependam da emoção que está a ser magnificada.

Quando se tem em conta cada um dos cuidadores, **as práticas maternas e paternas contribuem de forma semelhante para o ajustamento dos adolescentes** em termos globais, estando correlacionadas de forma idêntica (quando se compara as práticas do pai e da mãe) quer com os indicadores de ajustamento positivo quer negativo. A resposta parental onde se verificam correlações mais fortes é entre a recompensa materna de todas as emoções e a satisfação com a vida dos adolescentes. Apesar de estas correlações existirem também para o pai de forma moderada (tal como para a mãe), a intensidade da correlação é um pouco mais fraca para o cuidador masculino.

Sumarizando, verifica-se que cada resposta parental se relaciona com *outcomes* específicos, independentemente da emoção a que se dirige (variando a intensidade das correlações, mas não o sentido). Como exceção, a magnificação comporta-se de modo diferente não só para emoções negativas comparativamente com as positivas, mas também entre emoções negativas. Tendo em conta as correlações observadas, neste estudo, as respostas parentais às emoções negativas que se revelam como facilitadoras do ajustamento do adolescente são a recompensa e o distanciamento emocional, enquanto as que o dificultam são a magnificação e a negligência. Perante as emoções positivas, as estratégias facilitadoras são a recompensa e a magnificação e os obstáculos ao bom ajustamento são a punição e a negligência.

– Correlações entre respostas parentais e ajustamento dos filhos e das filhas

Para além das correlações entre pais e mães, optou-se por se realizar uma análise adicional, explorando a existência de diferenças no modo como as respostas parentais se correlacionam com o ajustamento dos filhos e das filhas. Através destas análises, torna-se clara a importância que as práticas parentais têm para o ajustamento dos adolescentes,

verificando-se que **as respostas parentais às emoções têm um peso maior para o ajustamento das raparigas do que dos rapazes**. A satisfação com a vida dos rapazes é o indicador de ajustamento mais influenciado pelas respostas parentais às suas emoções, sendo que, para as raparigas, há também várias correlações relevantes não só com a satisfação com a vida, como também com o desenvolvimento de sintomas de internalização.

Para compreender o motivo de as práticas parentais estarem associadas a mais sintomas de internalização nas raparigas do que nos rapazes, poderá colocar-se a hipótese de as raparigas percecionarem mais ganhos secundários das respostas parentais às suas emoções negativas, uma vez que tendem a expressar mais a sua emocionalidade do que os rapazes (Klimes-Dougan, 2002). Segundo as estatísticas descritivas, os pais destes adolescentes tendem a reagir de forma mais apoiante do que não apoiante às emoções dos adolescentes. Níveis elevados de apoio das emoções negativas por parte dos pais podem acabar por servir como reforço social do stress do adolescente (principalmente daqueles que expressam maior emocionalidade, como as raparigas) e não cumprir apenas a função de apoio à regulação emocional dos filhos.

Ainda relativamente às correlações com o ajustamento, verifica-se que, para ambos os sexos, as respostas parentais mais fortemente associadas ao ajustamento são a negligência e a recompensa das emoções negativas e positivas, tal como nas análises globais. O distanciamento emocional tem também correlações significativas com o ajustamento, sendo mais fracas do que as das outras duas respostas mencionadas.

Também **as respostas parentais à alegria parecem ser mais revelantes para o ajustamento das filhas do que nos filhos**. A recompensa da alegria está relacionada com menos sintomas depressivos nas raparigas, mas não nos rapazes, e a punição da alegria relaciona-se com mais sintomas depressivos apenas nas raparigas. Relativamente à magnificação, as raparigas beneficiam visivelmente mais que os rapazes da magnificação da sua alegria, quer para uma maior satisfação com a vida quer para menores níveis de sintomas de internalização. Finalmente, a negligência da alegria está associada a mais ansiedade para as raparigas, mas não para os rapazes.

Em resumo, o modo como os pais respondem às emoções (positivas e negativas) dos adolescentes é mais relevante para o ajustamento das raparigas do que dos rapazes,

sendo a satisfação com a vida o indicador de ajustamento mais fortemente relacionado com essas respostas parentais. As reações que apresentam uma maior associação com o ajustamento são a negligência (negativamente) e a recompensa (positivamente) das emoções negativas e positivas.

4. Co-ruminação com os pais e ajustamento dos filhos

A co-ruminação pode ser vista como um comportamento de socialização emocional parental que incentiva o evitamento em detrimento do confronto de situações problemáticas (Rose, 2002). Neste estudo, para ambos os cuidadores, verificou-se uma **menor co-ruminação com os adolescentes mais velhos** comparativamente com os outros dois grupos etários. No entanto, no estudo de Waller e Rose (2010), o primeiro (e um dos poucos) a analisar a co-ruminação entre adolescentes e uma figura parental (i.e., mãe), não surgiram diferenças relativamente ao uso da co-ruminação com a mãe nos diferentes períodos da adolescência. A diminuição da co-ruminação parental com a idade poderá estar relacionada com o aumento da dependência dos adolescentes relativamente aos pares para o fornecimento de apoio social à medida que vão ficando mais velhos e a diminuição dessa dependência relativamente aos pais (American Psychological Association, 2002). Esta hipótese é apoiada pelos resultados do estudo de Stone e colaboradores (2017), onde verificaram que os adolescentes mais velhos reportam maior co-ruminação com os pares do que os mais novos.

Relativamente a diferenças entre cuidadores, observa-se **um maior nível de co-ruminação dos adolescentes com a mãe do que com o pai**, observando-se níveis semelhantes de co-ruminação da mãe com rapazes e raparigas. Pelo contrário, verificou-se que o pai tende a co-ruminar mais com os filhos do que com as filhas. Estes resultados associados às diferenças entre rapazes e raparigas divergem dos resultados de Waller e Rose (2010), divergindo também do que tem sido encontrado na co-ruminação entre pares, onde as raparigas reportam mais co-ruminação do que rapazes.

Os estudos da co-ruminação parental baseiam-se maioritariamente na co-ruminação com a mãe (e.g., Stone et al., 2017; Waller, 2005; Waller & Rose, 2010, 2013) e não com o pai, sendo difícil comparar os resultados deste estudo associados ao cuidador masculino com outras investigações. Poderá colocar-se a hipótese de que esta diferença

na co-ruminação entre filhos e filhas com o cuidador masculino esteja relacionada com as particularidades das relações entre raparigas e entre rapazes na adolescência. As relações de amizade das raparigas tendem a estar associadas a níveis mais elevados de autorrevelação e as raparigas reportam amigas mais íntimas e apoiantes do que os rapazes, enquanto as relações dos rapazes tendem a basear-se no companheirismo e na realização de atividades conjuntas (Rose & Rudolph, 2006). Assim, uma vez que, por um lado, tende a haver uma aproximação dos adolescentes aos pares e que, por outro lado, os relacionamentos das raparigas com os pares tendem a ser mais associados à partilha de experiências íntimas do que dos rapazes, os **rapazes poderão procurar mais apoio no pai comparativamente com as raparigas, enquanto estas se apoiam mais nos amigos.**

– Correlações entre a co-ruminação com os pais e o ajustamento dos filhos

Nas análises globais, a **co-ruminação aparece associada a menos sintomas depressivos e mais satisfação com a vida nos adolescentes**. Quando se diferencia o sexo dos adolescentes, para as raparigas verifica-se o mesmo que nas análises globais, enquanto para os rapazes a co-ruminação aparece apenas associada a maior satisfação com a vida.

Alguns autores (e.g., Stone et al., 2017; Waller & Rose, 2010) verificaram que a co-ruminação entre os adolescentes e as suas mães estava relacionada quer com aspetos positivos, como a perceção de uma maior proximidade e apoio da mãe relativamente ao adolescente, quer com aspetos negativos do ajustamento, como problemas de internalização. No entanto, não se tem estudado a correlação entre a co-ruminação e a satisfação com a vida, mas principalmente entre esta e os indicadores de ajustamento negativo.

Em alguns dos estudos (e.g., Rose, 2002), verificou-se que a co-ruminação estava associada ao desenvolvimento de um maior apoio, intimidade e qualidade das relações, mas não foi avaliada a satisfação global com a vida, como foi feito neste estudo. Assim, a correlação positiva entre co-ruminação com os cuidadores parentais (ambos) e a satisfação com a vida dos rapazes e das raparigas poderá ser justificada por esta perceção de maior qualidade das relações, pela importância que a proximidade relativamente aos

outros ganha particularmente na adolescência e pelo impacto que essa proximidade tem para a satisfação individual. Isto vai ao encontro daquilo que foi discutido anteriormente para a magnificação da tristeza.

Quanto à associação negativa com os sintomas depressivos, os nossos resultados divergem do que se tem encontrado quer relativamente à co-ruminação com os amigos, onde se tem verificado uma correlação positiva com sintomas de internalização (e.g., Rose, Carlson, & Waller, 2007; Tompkins, Hockett, Abraibesh, & Witt, 2011), quer em relação à co-ruminação com a mãe, onde não se têm encontrado correlações significativas (e.g., Calmes & Roberts, 2008; Waller & Rose, 2010).

Por um lado, a possibilidade de o tipo de problemas abordados na co-ruminação com os pais e na co-ruminação com os amigos ser diferente poderá ajudar a compreender as diferenças nos indicadores de ajustamento observados quando a co-ruminação é estudada em cada uma destas relações.

Por outro lado, uma outra explicação possível para que a co-ruminação com os pais não apareça correlacionada de forma positiva com sintomas de internalização poderá estar ligada à descoberta de que a co-ruminação com a mãe (não foram encontrados estudos para o pai) está apenas indiretamente correlacionada com piores indicadores de ajustamento através da co-ruminação com os amigos (e.g., Stone et al., 2017; Waller & Rose, 2013). O modo como os pais respondem às emoções dos filhos (neste caso, o foco excessivo em aspetos negativos) molda a compreensão que o adolescente tem relativamente ao modo como deve interpretar as situações e agir perante elas (Eisenberg et al., 1998). Deste modo, vão-se criando padrões de pensamento com foco persistentemente negativo e estratégias desadequadas de regulação emocional que podem não se manifestar como particularmente prejudiciais no presente, mas sim aquando o desenvolvimento de relações fora do contexto familiar, uma vez que estas ganham uma maior centralidade na vida do adolescente.

Um outro fator que pode ajudar a compreender a associação entre a co-ruminação e menos sintomas de internalização é a correlação encontrada neste estudo (através de análises exploratórias adicionais, apresentadas apenas em anexo) entre a co-ruminação e as diferentes respostas parentais. Para ambos os cuidadores, a co-ruminação apresenta correlações positivas fortes com a recompensa parental de todas as emoções e correlações

negativas fortes com a negligência de todas as emoções (ver anexo X). Isto poderá corroborar a hipótese proposta por Waller e Rose (2010) quando tentavam justificar a ausência de correlação entre a co-ruminação com a mãe e problemas de ajustamento do adolescente, dizendo que esta se poderá basear na discussão dos problemas de forma um pouco mais construtiva, ainda que mantenha a repetitividade e o foco em elevados níveis de afeto negativo.

Assim, a correlação forte positiva entre a co-ruminação e a recompensa poderá indicar que a co-ruminação dos filhos com os pais integra, realmente, estratégias com foco na resolução de problemas ou na regulação emocional, o que está positivamente correlacionado com indicadores de ajustamento positivo. Ao mesmo tempo, a percepção de “ausência de negligência” parental que surge perante a possibilidade de conversas com os pais sobre os próprios problemas leva a uma sensação de atenção e preocupação parental para com o adolescente o que, como referido por de Guo, Mrug e Knight (2017), está também associado a melhor ajustamento.

5. Modelos preditores do ajustamento negativo nos adolescentes

A análise de regressão linear realizada neste estudo permitiu compreender de que modo os valores típicos de depressão e ansiedade dos adolescentes dos 12 aos 17 anos variam de acordo com os comportamentos parentais perante as emoções dos filhos. É importante considerar que os modelos criados apresentam um poder explicativo fraco e que, sendo representações simplificadas da realidade, a introdução de outras variáveis no modelo poderá ter um impacto direto quer no seu poder explicativo quer no modo como cada uma das variáveis independentes se relacionam com a variável dependente. Ainda assim, há informações muito interessantes que se podem retirar deles.

O sexo dos adolescentes manifestou-se, em todos os modelos, como preditor dos sintomas de internalização, havendo um aumento da probabilidade de as raparigas desenvolverem sintomas depressivos e ansiosos comparativamente com os rapazes. Estes resultados vão ao encontro do que foi referido anteriormente.

O modelo dos preditores da depressão mostra-nos que mais respostas maternas apoiantes da tristeza e da zanga estão associadas a níveis mais baixos de sintomatologia

depressiva, ao mesmo tempo que as respostas maternas não apoiantes da zanga predizem níveis mais elevados de depressão.

Isto significa que algumas das respostas maternas que contribuem para uma menor sintomatologia depressiva dos jovens passam pela não negligência da tristeza e da zanga dos filhos, pelo fornecimento de estratégias que ajudem o filho a lidar com o problema em mãos ou com a emoção sentida e pela tentativa de suavizar a situação. Ao mesmo tempo, apenas as respostas não apoiantes da zanga são preditores de mais sintomas depressivos, e não as respostas não apoiantes da tristeza. As respostas não apoiantes das emoções negativas neste estudo limitam-se à magnificação parental. Deste modo, a não integração das respostas não apoiantes da tristeza neste modelo poderá estar relacionada com as particularidades da magnificação da tristeza (associada a uma perceção de maior compreensão e apoio parental a maior satisfação com a vida) e da zanga (havendo uma orientação da raiva parental para os filhos e não para o objeto da zanga dos filhos), discutidas anteriormente.

Relativamente ao modelo de predição da ansiedade, as respostas maternas que se manifestam como preditoras da sintomatologia ansiosa são as mesmas que as da depressão (i.e., respostas apoiantes da tristeza e não apoiantes da zanga), à exceção das respostas apoiantes da zanga, que já não se manifestam como preditores significativos. Deste modo, as respostas maternas apoiantes da tristeza estão também associadas a menores níveis ansiedade, enquanto as respostas não apoiantes da zanga se relacionam com mais sintomas ansiosos.

A ansiedade e a depressão são frequentemente comórbidas, partilhando entre elas características comuns, como a existência de um *afeto negativo global*, com sentimentos de tristeza, culpa, preocupação (Garber & Weersing, 2010). Como tal, é compreensível que as respostas maternas apoiantes da **tristeza** contribuam para um melhor ajustamento dos filhos quer em termos da predição de menos sintomas **depressivos quer ansiosos**.

Quanto às respostas à zanga, a sua relevância para a depressão é bem documentada, uma vez que a depressão na adolescência se manifesta frequentemente não só através da expressão de tristeza, mas também de **zanga** (Cassiello-Robbins & Barlow, 2016). Isto ajuda a compreender a importância que as respostas maternas a estas emoções têm como preditores dos sintomas **depressivos**. Quanto à ansiedade, no entanto, sabe-se

que, perante a percepção de uma ameaça, é ativada a tendência de resposta de luta ou fuga. Apesar de a resposta de fuga (escape, evitamento) ser bem documentada nas perturbações de ansiedade, se esta não for possível, pode ser ativada uma resposta de luta que, se for desapropriada ou injustificada, se manifesta em emoções de raiva. Assim, a **ansiedade** está também associada a maior irritabilidade, maior propensão para experienciar raiva, maior dificuldade em regular a raiva, podendo observar-se valores elevados de raiva nas várias perturbações de ansiedade (Cassello-Robbins & Barlow, 2016). Isto contribui para a compreensão da importância das respostas maternas à zanga dos filhos no desenvolvimento de sintomas ansiosos.

O modelo associado ao impacto das respostas paternas para o desenvolvimento de sintomas depressivos dos adolescentes é um pouco diferente do modelo materno. As respostas apoiantes da zanga mantêm-se preditores significativos do aumento da depressão, enquanto as respostas apoiantes da tristeza dos filhos deixam de ter um impacto significativo no modelo, surgindo uma nova variável relevante, as estratégias apoiantes do medo. Em contrapartida, nenhuma das respostas paternas se manifesta enquanto preditora dos sintomas ansiosos dos adolescentes. Apesar da relevância destes resultados, investigações futuras deveriam explorar melhor estas diferenças entre o impacto diferenciado das respostas paternas e maternas às diferentes emoções para o ajustamento.

É importante salientar que a co-ruminação materna e paterna foram também incluídas nos modelos, ainda que não se tivessem manifestado como preditores significativos do ajustamento. Talvez uma exploração futura da co-ruminação como um comportamento parental cujos *outcomes* variam também dependendo da emoção a que se dirige poderá esclarecer um pouco mais do papel da co-ruminação parental no desenvolvimento de sintomatologia depressiva e ansiosa.

Em resumo, os sintomas depressivos e ansiosos dos adolescentes podem ser explicados não só pelo sexo do adolescente, como também pela variação de algumas respostas parentais às suas emoções. As respostas maternas à tristeza e à zanga são preditores importantes para o desenvolvimento de sintomas depressivos e ansiosos. Contudo, as respostas paternas contribuem apenas para o desenvolvimento da depressão dos filhos, através das respostas à zanga e ao medo, não predizendo a ansiedade.

Parte V – Conclusões e Considerações Finais

Conclusões

Do trabalho apresentado, podem-se realçar algumas conclusões. Em primeiro lugar, os pais continuam (face à infância) a ter uma importância significativa para o bem-estar psicológico dos filhos durante a adolescência, podendo contribuir para o seu ajustamento (principalmente para a satisfação com a vida e para sintomatologia depressiva) através do modo como respondem diretamente às emoções dos filhos.

No entanto, tal como afirma Stone e colaboradores (2017), não é claro que as respostas que fomentem a expressão emocional sejam obrigatoriamente mais adaptativas do que as que a inibem. Os resultados do nosso estudo sugerem que as respostas mais adaptativas às emoções negativas dos adolescentes são a recompensa e o distanciamento emocional (ainda que este não fomente a expressão emocional) e as menos adaptativas são a negligência (com grande relevância) e a magnificação (apesar do seu comportamento particular). A co-ruminação parental, frequentemente presente nas discussões emocionais, está associada a *outcomes* de ajustamento positivo, estando estes resultados possivelmente associados à utilização de estratégias apoiantes por parte dos pais durante a co-ruminação, e não tanto ao incentivo da expressão emocional dos filhos por si só.

O comportamento de cada uma das respostas parentais é, em geral, semelhante perante as diferentes emoções negativas. Para além disso, ambos os cuidadores tendem a responder de forma idêntica às emoções negativas dos rapazes e das raparigas, havendo, ao longo do desenvolvimento, a perceção por parte dos adolescentes de uma diminuição das reações parentais às suas emoções. Apesar de as mães estarem tendencialmente mais envolvidas na vida emocional dos filhos do que os pais, as respostas de ambos os cuidadores estão correlacionadas de forma idêntica com o ajustamento dos filhos (embora as respostas maternas estejam mais intensamente relacionadas). Foi também saliente que, quer as respostas dos pais, quer das mães têm maior relevância para o ajustamento das raparigas do que dos rapazes.

O estudo das respostas às emoções positivas dos adolescentes e a importância dada à satisfação com a vida como indicador de ajustamento positivo foram dois fatores de saliência neste estudo. Relativamente à satisfação com a vida, verificou-se que é, dos três

avaliados, o indicador de ajustamento mais correlacionado com as respostas parentais às emoções (positivas e negativas) dos filhos. Quanto às emoções positivas, os principais resultados revelam que a recompensa e a magnificação se associam a um melhor ajustamento dos adolescentes, ao contrário da punição e da negligência. Observa-se, assim, que as respostas apoiantes e não apoiantes às emoções negativas (que são as mais estudadas nas investigações sobre este tema) não são as mesmas que as respostas apoiantes e não apoiantes das emoções positivas. Perante a alegria dos filhos, as mães tendem a responder mais de forma apoiante do que os pais em geral e, contrariamente às emoções negativas, onde não se verificam diferenças entre rapazes e raparigas, ambos os cuidadores respondem mais frequentemente de forma não apoiante aos filhos do que às filhas.

Finalmente, os sintomas depressivos e ansiosos dos adolescentes parecem ser preditos pelo sexo do adolescente e também pelas respostas maternas à tristeza e à zanga dos filhos. As respostas paternas têm apenas um impacto significativo no desenvolvimento da depressão dos filhos, através das respostas à zanga e ao medo, não predizendo, no entanto, a sua ansiedade.

Limitações do Estudo

Os resultados deste estudo devem ser considerados, ainda assim, à luz das suas limitações. Tal como a maioria dos estudos sobre a socialização emocional, uma das limitações deste estudo é ser transversal, não permitindo inferências acerca das relações causais entre as variáveis em estudo. O facto de os questionários terem sido aplicados apenas aos adolescentes, não havendo uma correspondência entre as suas respostas e as respostas dos cuidadores, é também uma limitação, no sentido em que a percepção que os adolescentes têm relativamente ao modo como os pais se comportam poderá ser diferente daquilo que realmente acontece no dia-a-dia. Uma outra possível limitação é que, tendo o estudo sido feito com uma amostra comunitária, estes resultados não podem ser generalizados a outros tipos de amostras com psicopatologia.

Relativamente aos instrumentos de avaliação, uma questão muito relevante poderá ter sido o tamanho dos questionários aplicados, sendo que a necessidade de 45 minutos, em média, para o seu preenchimento (e, para os mais novos, a frequente necessidade de,

pelo menos, uma hora) poderá ter aumentado a probabilidade de respostas ao acaso. Uma outra questão foi a utilização de questionários que se baseiam em categorias de respostas parentais criadas a partir dos estudos da infância, não criando espaço para o surgimento de novas práticas parentais que seriam mais relevantes na adolescência.

Ainda relativamente aos instrumentos usados, a *Emotion Socialization Scale* (ESS), um dos instrumentos centrais do estudo, acabou por manifestar algumas características menos positivas que poderão ter influenciado as respostas dadas pelos adolescentes. Em primeiro lugar, o número de itens total da escala e a repetição de cada um dos itens para o cuidador masculino e feminino poderá ter levado a enviesamentos nas respostas dadas pelos adolescentes. Em segundo lugar, destaca-se a baixa consistência interna de algumas das escalas (e.g., punição para emoções negativas, distanciamento emocional para emoções positivas), que gerou a necessidade de remoção de alguns itens de determinadas escalas e impediu a realização de outras análises que seriam de grande relevância. Para além disto, a escala de negligência criou alguns problemas, tal como em estudos anteriores (e.g., Guo et al., 2017), possivelmente devido à combinação entre itens invertidos e não invertidos e também devido a baixos alfas de Cronbach.

Apesar destas limitações relativas à ESS, este instrumento possibilitou uma exploração das respostas parentais de forma muito abrangente, não só comparando o cuidador masculino e feminino, como permitindo a diferenciação das respostas a várias emoções negativas e a uma emoção positiva. Outro aspeto positivo é que, nesta escala, a avaliação da socialização emocional não é limitada a situações específicas (Guo et al., 2017), permitindo uma compreensão mais abrangente deste processo de interação entre pais e filhos.

Contributos do Estudo e Implicações Clínicas

O problema identificado que salientou a necessidade de se realizar o presente estudo foi o reconhecimento da adolescência como um período crítico no desenvolvimento de problemas de internalização e a desproporção de investigações que abordem a socialização parental das emoções na adolescência (comparativamente com a infância).

Este estudo reforça, por um lado, a importância de **incluir os pais** na prevenção do desenvolvimento de perturbações psicológicas, na promoção da saúde dos adolescentes e na intervenção com os que já têm perturbações de internalização. Enfatiza também a relevância da **educação parental** relativamente a maneiras adaptativas e desadaptativas de responder às expressões emocionais dos adolescentes para minimizar os *outcomes* negativos e maximizar os positivos. Do mesmo modo, destaca a pertinência da inclusão de esforços para minimizar a magnificação e a negligência das emoções negativas dos filhos, trabalhando para uma aceitação da sua expressão emocional, sem que o foco seja totalmente na emoção expressa, mas também em estratégias que permitam lidar com ela.

Observando-se uma diferenciação na forma como as respostas paternas e maternas contribuem para o ajustamento dos jovens, como é salientado, por exemplo, pelos resultados da regressão linear, este estudo sublinha a relevância de uma adaptação das intervenções parentais tendo em conta as **características específicas de cada cuidador**. Ainda assim, deverá haver outros estudos que explorem mais aprofundadamente estas diferenças entre cuidadores e o seu impacto no ajustamento.

Com esta investigação, foi enfatizada a importância de se avaliarem **diferentes emoções negativas**, salientando-se que as respostas parentais preditoras dos sintomas depressivos e ansiosos dependem da emoção a que se dirigem. Assim, para além de se saber que as respostas apoiantes estão associadas a melhores indicadores de ajustamento do que as não apoiantes, é de particular relevância compreender que as respostas apoiantes perante emoções específicas (e.g., zanga e tristeza) estão associadas a indicadores de ajustamento concretos (e.g., depressão). Isto é útil numa ótica de prevenção e de intervenção, permitindo uma orientação mais específica relativamente ao treino das respostas parentais.

Até ao momento, poucos estudos exploraram as implicações da **socialização de emoções positivas** ou a associação entre respostas parentais e indicadores positivos de ajustamento. Este estudo contribuiu para a literatura da socialização das emoções ao explorar as respostas parentais às emoções positivas e negativas e a respetiva associação com indicadores de ajustamento adaptativos e não adaptativos.

As emoções negativas e positivas parecem servir diferentes propósitos e envolver diferentes processos de socialização (Ramakrishnan et al., 2019). As respostas às emoções positivas podem levar a um aumento ou a uma diminuição da frequência da expressão e experiência dessas emoções (Eisenberg et al., 1998). A capacidade de experienciar emoções positivas está associada a vários resultados favoráveis (como o aumento da flexibilidade cognitiva, da motivação, resiliência, saúde física, regulação emocional, conexão social (Fredrickson, 2013) que vão para além dos benefícios de simplesmente não se experienciarem emoções negativas. Por este motivo, é relevante que se compreenda como é que os pais respondem tipicamente a estas emoções, uma vez que a capacidade de manter, experienciar e procurar emoções positivas, assim como a capacidade de retirar prazer das experiências agradáveis por antecipação e através de lembranças futuras, poderá ser um fator protetor do desenvolvimento de perturbações de internalização estando, ao mesmo tempo, associado a outros resultados positivos muito relevantes.

A **saúde mental** é mais do que a ausência de perturbações mentais. Segundo a Organização Mundial de Saúde, a saúde mental está associada ao bem-estar subjetivo, à autoeficácia, à autonomia, à competência e à capacidade para reconhecer as próprias capacidades e para lidar com o stress normativo do dia-a-dia (World Health Organization, 2003). Assim sendo, mesmo sem psicopatologia, se os adolescentes não tiverem indicadores positivos de saúde mental, terão grandes dificuldades em se adaptarem ao meio em que se encontram. Ao ser explorada, neste estudo, a satisfação com a vida dos adolescentes e a sua relação com as práticas de socialização emocional parental, tentou-se colmatar a falta de estudos associados a indicadores de ajustamento positivo. Foi realçado que as respostas dos pais poderão ter uma contribuição mais forte para a saúde mental dos filhos (através de indicadores como a satisfação com a vida, por exemplo) do que especificamente para presença de psicopatologia, servindo como fatores protetores.

Em geral, esta investigação deu um pequeno passo na contribuição para a literatura da socialização emocional, esperando, acima de tudo, motivar outros autores a irem mais a fundo no estudo de questões que precisam ainda de grande exploração.

Linhas futuras de investigação

Um dos objetivos deste estudo foi a exploração de diferenças nas respostas fornecidas pelo cuidador masculino e feminino. No entanto, atualmente, existem muito menos famílias “tradicionais” (i.e., adolescentes que vivam com o pai e a mãe juntos), podendo ser mais difícil perceber quem são, realmente, os cuidadores parentais mais significativos para o adolescente (e.g., pai e madrasta, mãe e padrasto). A presença destes “outros adultos” significativos poderá ter tanta ou mais relevância para o ajustamento dos adolescentes como a dos cuidadores que eles identificaram como principais. Assim, investigações futuras deveriam ter este fator em consideração, tentando compreender como é que as respostas destas figuras com quem os adolescentes estão frequentemente se associam aos seus indicadores de ajustamento.

Seria também interessante que estudos futuros fossem para além das metodologias quantitativas, utilizando métodos qualitativos, como entrevistas ou perguntas de resposta aberta, de maneira a criar novas categorias de respostas parentais que não se baseiem apenas naquilo que é observado em relação à infância. De modo a colmatar algumas das limitações deste estudo, seria interessante que, de futuro, as investigações associadas às práticas parentais na adolescência investissem em estudos longitudinais. Sendo que a maioria dos estudos é transversal, há uma restrição da compreensão do processo de socialização parental como algo bidirecional. Para além disso, a interpretação dos resultados relativamente à direção dos efeitos entre as respostas parentais e os indicadores de saúde mental é mais limitada.

Estudos futuros beneficiariam ainda em explorar possíveis alterações nas intervenções associadas às práticas de socialização parental, podendo estas integrar não apenas a aceitação e empatia relativamente às emoções negativas dos filhos, como também o incentivo e valorização da expressão de emoções positivas. Seria também de grande relevância explorar-se o impacto das respostas de socialização emocional dos pais perante diferentes emoções positivas (e.g., alegria, entusiasmo, esperança, interesse, entretenimento, etc).

Apesar de a depressão e a ansiedade serem das perturbações psicológicas mais frequentes em adolescentes, existem outras problemáticas que surgem na adolescência e que deveriam ser mais bem exploradas, devendo examinar-se também outro tipo de

indicadores de ajustamento (como por exemplo o consumo de substâncias ou perturbações de externalização).

Para terminar, a inclusão da co-ruminação como resposta de socialização parental neste estudo permitiu expandir a compreensão relativamente às respostas parentais diretas perante as emoções dos filhos. Podendo a co-ruminação ser considerada um comportamento parental e uma estratégia de regulação emocional dos adolescentes, seria importante continuar-se a investigar a relevância desta variável para o ajustamento dos adolescentes, através, por exemplo, da sua exploração como potencial moderador da relação entre as respostas parentais e os sintomas de internalização dos filhos. A exploração de como a co-ruminação relativamente a diferentes emoções negativas poderá contribuir para o ajustamento futuro dos adolescentes poderia também ser uma mais valia para clarificar o papel da co-ruminação.

Referências Bibliográficas

- Afonso, A., & Nunes, C. (2019). *Probabilidades e Estatística - Aplicações e Soluções em SPSS*.
- American Psychological Association (2002). *Developing adolescents: A reference for professionals*.
- Bisegger, C., Cloetta, B., von Rueden, U., Abel, T., Ravens-Sieberer, U., Duer, W., Atherton, C. (2005). Health-related quality of life: Gender differences in childhood and adolescence. *Sozial- Und Praventivmedizin*, 50(5), 281–291. <https://doi.org/10.1007/s00038-005-4094-2>
- Brand, A. E., & Klimes-Dougan, B. (2010). Emotion Socialization in Adolescence: The roles of mothers and fathers. *New Directions for Child and Adolescent Development*, (128), 85–100.
- Briscoe, C., Stack, D. M., Dickson, D. J., & Serbin, L. A. (2019). Maternal Emotion Socialization Mediates the Relationship between Maternal and Adolescent Negative Emotionality. *Journal of Youth and Adolescence*, 495–509. <https://doi.org/10.1007/s10964-018-0945-z>
- Calmes, C., & Roberts, J. (2008). *Rumination in Interpersonal Relationships : Does Co-rumination Explain Gender Differences in Emotional Distress and Relationship Satisfaction Among College Students ?* 577–590. <https://doi.org/10.1007/s10608-008-9200-3>
- Cassidy, J., & Shaver, P. R. (1999). *Handbook Of Attachment. Theory, research and clinical applications*.
- Cassidello-Robbins, C., & Barlow, D. H. (2016). Anger: The Unrecognized Emotion in Emotional Disorders. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 23(1), 66–85. <https://doi.org/10.1111/cpsp.12139>
- Chen, X., Cai, Z., He, J., & Fan, X. (2019). Gender Differences in Life Satisfaction Among Children and Adolescents: A Meta-analysis. *Journal of Happiness Studies*, (0123456789). <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00169-9>

- Costa Martins, E., Ferreira-Santos, F., & Meira, L. (2018). New version of the emotion socialization scale with the positive emotion of overjoy: initial validation evidence with Portuguese adolescents. *Psicologia: Reflexao e Critica*, 31(1). <https://doi.org/10.1186/s41155-018-0090-3>
- Damasio, B. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11(2), 213–227.
- De Ridder, D., Geenen, R., Kuijer, R., & van Middendorp, H. (2008). Psychological adjustment to chronic disease. *The Lancet*, 372(9634), 246-255.s.
- Denham, S. A., Bassett, H. H., & Wyatt, T. (2007). The Socialization of Emotional Competence. In J. E. G. & P. D. Hastings (Ed.), *Handbook of socialization: Theory and research* (pp. 614–637). New York, NY, US: Guilford Press.
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & L. Spinrad, T. (1998). *Parent Socialization Of Emotions_Eisenberg_1998.pdf*.
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parents' Reactions to Children's Negative Emotions: Relations to Children's Social Competence and Comforting Behavior. *Child Development*, 67(5), 2227–2247. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01854.x>
- Essau, C. A., Lewinsohn, P. M., Olaya, B., & Seeley, J. R. (2014). Anxiety disorders in adolescents and psychosocial outcomes at age 30. *Journal of Affective Disorders*, 163, 125–132. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2013.12.033>
- Field, A. (2009). *Discovering Statistics Using SPSS* (Third Edit). sage.
- Fredrickson, B. L. (2013). Positive Emotions Broaden and Build. In *Advances in Experimental Social Psychology* (Vol. 47). <https://doi.org/10.1016/B978-0-12-407236-7.00001-2>
- Garber, J., & Weersing, V. R. (2010). Comorbidity of Anxiety and Depression in Youth: Implications for Treatment and Prevention. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 17(4), 293–306. <https://doi.org/10.1111/j.1468-2850.2010.01221.x>

- Garside, R. B., & Klimes-Dougan, B. (2002). Socialization of Discrete Negative Emotions: Gender Differences and Links With Psychological Distress. *Sex Roles*, 47(August).
- Goldbeck, L., Schmitz, T. G., Besier, T., Herschbach, P., & Henrich, G. (2007). Life satisfaction decreases during adolescence. *Quality of Life Research*, 16(6), 969–979. <https://doi.org/10.1007/s11136-007-9205-5>
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). *Parental Meta-Emotion Philosophy and the Emotional Life of Families : Theoretical Models and Preliminary Data*. 10(3), 243–268.
- Guo, J., Mrug, S., & Knight, D. C. (2017). Factor structure of the emotions as a child scale in late adolescence and emerging adulthood. *Psychological Assessment*, 29(9), 1082–1095. <https://doi.org/10.1037/pas0000412>
- Gupta, D., & Adam, K. (2016). Temperament , Gender , and Cultural Differences in Maternal Emotion Socialization of Anxiety, Somatization, and Anger. *Psychological Studies*, 61(3), 137–158. <https://doi.org/10.1007/s12646-016-0360-z>
- Helsen, M., Vollebergh, W., & Meeus, W. (2000). Social support from parents and friends and emotional problems in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 29(3), 319–335. <https://doi.org/10.1023/A:1005147708827>
- Huebner, S. (2004). *Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents*. 3–33.
- IBM SPSS Statistics 25 Brief Guide*. (2018). Retrieved from <https://www.surfspot.nl/ibm-spss-25-statistics.html>
- Jin, Z., Zhang, X., & Han, Z. R. (2017). Parental emotion socialization and child psychological adjustment among Chinese urban families: Mediation through child emotion regulation and moderation through dyadic collaboration. *Frontiers in Psychology*, 8(DEC), 1–11. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.02198>
- Katz, L. F., Shortt, J. W., Allen, N. B., Davis, B., Hunter, E., Leve, C., & Sheeber, L. (2014). *Parental Emotion Socialization in Clinically Depressed Adolescents :*

Enhancing and Dampening Positive Affect. 205–215.
<https://doi.org/10.1007/s10802-013-9784-2>

Kehoe, C. E., Havighurst, S. S., & Harley, A. E. (2015). *Somatic Complaints in Early Adolescence: The Role of Parents' Emotion Socialization*.
<https://doi.org/10.1177/0272431614547052>

Klimes-Dougan, B., Brand, A. E., Zahn-Waxler, C., Usher, B., Hastings, P. D., Kendziora, K., & Garside, R. B. (2007). Parental emotion socialization in adolescence: Differences in sex, age and problem status. *Social Development*, 16(2), 326–342. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00387.x>

Larson, R. W., Moneta, G., Richards, M. H., & Wilson, S. (2002). Continuity, stability, and change in daily emotional experience across adolescence. *Child Development*, 73(4), 1151–1165. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00464>

Lerner, R. M., & Steinberg, L. (2004). *Handbook of adolescent psychology* (2nd ed.). John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New Jersey.

Malatesta, C. Z., & Wilson, A. (1988). Emotion cognition interaction in personality development: A discrete emotions, functionalist analysis. *British Journal of Social Psychology*, 27(1), 91–112. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1988.tb00807.x>

Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence Identity in Adolescence. *Handbook of Adolescent Psychology*, 159–187. Retrieved from https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36763424/identity.pdf?response-content-disposition=inline%3Bfilename%3DIdentity_in_Adolescence.pdf&X-Amz-Algorithm=AWS4-HMAC-SHA256&X-Amz-Credential=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A%2F20190809%2Fus-east-1%2Fs3%2Faws4_r

Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com SPSS Statistics: 7ª edição*. Report Number, Lda.

Maughan, B., Collishaw, S., & Stringaris, A. (2014). Depression in childhood and adolescence. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*,

22(1), 35–40. <https://doi.org/10.1093/sw/32.6.512>

Miller-Slough, R. L., & Dunsmore, J. C. (2016). Parent and Friend Emotion Socialization in Adolescence: Associations with Psychological Adjustment. *Adolescent Research Review, 1*(4), 287–305. <https://doi.org/10.1007/s40894-016-0026-z>

Mirabile, S. P. (2014). Parents' inconsistent emotion socialization and children's socioemotional adjustment. *Journal of Applied Developmental Psychology, 35*(5), 392–400. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2014.06.003>

Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., Robinson, L. R., Orleans, N., ... Steinberg, L. (2007). *The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation*. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>

Neto, F. (1993). The satisfaction with life scale: psychometrics properties i. *Journal of Youth and Adolescence, 22*(2), 125–134.

Pavot, W., & Diener, E. (1993). *The Satisfaction With Life Scale*. <https://doi.org/10.1207/s15327752jpa4901>

Piqueras, J. A., Martín-vivar, M., Sandin, B., Luis, C. S., & Pineda, D. (2017). The Revised Child Anxiety and Depression Scale: A systematic review and meta-analysis. *Journal of Affective Disorders, (May)*, 1–17. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.04.022>

Ramakrishnan, J. L., Garside, R. B., Labella, M. H., & Klimes-Dougan, B. (2019). Parent Socialization of Positive and Negative Emotions: Implications for Emotional Functioning, Life Satisfaction, and Distress. *Journal of Child and Family Studies, 28*(12), 3455–3466. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01528-z>

Ramirez, C. (2018). *The effects of emotion socialization on internalizing behaviors in young adults*.

Root, A. K., & Denham, S. A. (2010). *The role of gender in The Socialization of Emotion: Key Concepts and Critical Issues*.

Rose, A. (2002). Co-rumination in the friendships of girls and boys. *Child Development, 73*(2), 400–415.

73(6), 1830–1843. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00509>

- Rose, A., Carlson, W., & Waller, E. M. (2007). Prospective Associations of Co-Rumination with Friendship and Emotional Adjustment: Considering the Socioemotional TradeOffs of Co-Rumination. *Bone*, 23(1), 1–7. <https://doi.org/10.1038/jid.2014.371>
- Rose, A. J., & Rudolph, K. D. (2006). A review of sex differences in peer relationship processes: Potential trade-offs for the emotional and behavioral development of girls and boys. *Psychological Bulletin*, 132(1), 98–131. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.132.1.98>
- Schwartz, O. S., Sheeber, L. B., Dudgeon, P., & Allen, N. B. (2012). Emotion socialization within the family environment and adolescent depression. *Clinical Psychology Review*, 32(6), 447–453. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2012.05.002>
- Shaffer, A., Suveg, C., Thomassin, K., & Bradbury, L. L. (2012). *Emotion Socialization in the Context of Family Risks: Links to Child Emotion Regulation*. 917–924. <https://doi.org/10.1007/s10826-011-9551-3>
- Shortt, J. W., Katz, L. F., Allen, N. B., Leve, C., Davis, B., & Sheeber, L. B. (2016). *Emotion Socialization in the Context of Risk and Psychopathology: Mother and Father Socialization of Anger and Sadness in Adolescents with Depressive Disorder*. 25(1). <https://doi.org/10.1111/sode.12138>
- Siegel, R., & Dickstein, D. (2011). Anxiety in adolescents: Update on its diagnosis and treatment for primary care providers. *Adolescent Health, Medicine and Therapeutics*, 1. <https://doi.org/10.2147/ahmt.s7597>
- Smetana, J. G., Robinson, J., & Rote, W. M. (2014). *Socialization in adolescence*. 60–84.
- Steinberg, L. (2005). Cognitive and affective development in adolescence. *Trends in Cognitive Sciences*, 9(2), 69–74. <https://doi.org/10.1016/j.tics.2004.12.005>
- Stone, L. B., Silk, J. S., Oppenheimer, C. W., Benoit Allen, K., Waller, J. M., & Dahl, R. E. (2017). Linking Maternal Socialization of Emotion Regulation to Adolescents'

- Co-rumination With Peers. *Journal of Early Adolescence*, 37(9), 1341–1355.
<https://doi.org/10.1177/0272431616659558>
- Tompkins, T. L., Hockett, A. R., Abraibesh, N., & Witt, J. L. (2011). *A Closer Look at Co-Rumination: Gender, Coping, Peer Functioning and Internalizing/Externalizing Problems*.
- Waller, E. (2005). *Co-rumination in mother-child relationships during childhood and adolescence*.
- Waller, E. M., & Rose, A. J. (2010). Adjustment trade-offs of co-rumination in mother – adolescent relationships. *Journal of Adolescence*, 33(3), 487–497.
<https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.06.002>
- Waller, E. M., & Rose, A. J. (2013). Brief report : Adolescents ’ co-rumination with mothers, co-rumination with friends, and internalizing symptoms. *Journal of Adolescence*, 36(2), 429–433. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.12.006>
- Wang, M., Liang, Y., Zhou, N., & Zou, H. (2019). Chinese fathers’ emotion socialization profiles and adolescents’ emotion regulation. *Personality and Individual Differences*, 137(19), 33–38. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.08.006>
- WHO (World Health Organization). (2003). Investing in Mental Health. *Investing in Mental Health*, 3–49. <https://doi.org/10.1093/heapro/dar059>
- Yap, M. B. H., Allen, N. B., & Ladouceur, C. D. (2008). Maternal socialization of positive affect: The impact of invalidation on adolescent emotion regulation and depressive symptomatology. *Child Development*, 79(5), 1415–1431.
<https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01196.x>

Anexos

Anexo I – Valores de consistência interna das dimensões da Escala de Socialização das Emoções

		Martins et al. (2018)	Estudo atual	
		<i>α Cronbach</i>	<i>α Cronbach</i>	
			Cuidador Masculino	Cuidador Feminino
Recompensa				
	Tristeza	0.89	0.89	0.84
	Zanga	0.87	0.88	0.84
	Medo	0.89	0.92	0.88
	Alegria	0.83	0.87	0.74
Punição				
	Tristeza	0,51	0.58	0.55
	Zanga	0.57	0.66	0.58
	Medo	0.53	0.51	0.49
	Alegria	0.80	0.82	0.82
Negligência				
	Tristeza	0.68	0.79	0,76
	Zanga	0.64	0.70	0.53
	Medo	0.76	0.83	0.70
	Alegria	0.52	0.71	0.48
Distanciamento Emocional				
	Tristeza	0.72	0.72	0.67
	Zanga	0.68	0.74	0.66
	Medo	0.67	0.70	0.62
	Alegria	0.70	0.56	0.52
Magnificação				
	Tristeza	0.84	0.87	0.84
	Zanga	0.81	0.83	0.79
	Medo	0.83	0.75	0.82
	Alegria	0.80	0.83	0.79

Anexo II – Comparação entre os comportamentos parentais do cuidador masculino e feminino

Subescalas	Cuidador Masculino (Mean Rank)	Cuidador Feminino (Mean Rank)	Wilcoxon Sign Rank Test
Co-Ruminação	114,18	153,94	-7,545
Tristeza			
Recompensa	95,54	128,63	-7,140 ^{b**}
Distanciamento	126,97	153,26	-9,791 ^{b**}
Magnificação	109,17	125,19	-7,147 ^{b**}
Negligência	119,52	96,22	-6,870 ^{b**}
Zanga			
Recompensa	99,55	119,46	-5,601 ^{b**}
Distanciamento	113,93	123,54	-2,686 ^{b**}
Magnificação	101,14	113,07	-4,736 ^{b**}
Medo			
Recompensa	91,36	117,51	-7,189 ^{b**}
Distanciamento	108,75	120,08	-3,171 ^{b**}
Negligência	122,33	100,34	-4,688 ^{b**}
Magnificação	96,41	91,76	-,153 ^b
Alegria			
Recompensa	104,9	127,54	-4,389 ^{b**}
Magnificação	99,82	130,97	-7,193 ^{b**}
Punição	71,10	60,50	-1,183 ^c

Nota. Resultados a negrito correspondem a valores de Mean Rank mais elevados.

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

^a Valores baseados em ranks negativos

Anexo III – Comparação dos comportamentos parentais masculinos entre grupos etários

Comportamentos Masculinos (<i>Mean Rank</i>)					
	[12-13]	[14-15]	[16-17]	Kruskal Wallis	Ordenação
<i>Recompensa</i>					
Tristeza	185,91	165,35	137,83	13,28**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Zanga	191,02	153,96	145,34	12,17**	(14-15, 16-17) < (12-13)
Medo	186,41	166,81	134,65	16,00**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Alegria	182,22	162,3	142,26	8,86*	(16-17) < (12-13, 14-15)
<i>Distanciamento</i>					
Tristeza	184,46	169,73	134,06	16,24**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Zanga	197,46	154,93	140,21	18,53**	(14-15, 16-17) < (12-13)
Medo	190,43	168,36	130,46	21,67**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
<i>Magnificação</i>					
Tristeza	174,62	165,52	144,81	5,28	-
Zanga	172,01	163,38	147,44	3,77	-
Medo	184,15	152,18	151,58	7,58*	(14-15, 16-17) < (12-13)
Alegria	172,03	162,46	148,48	3,23	-
<i>Negligência</i>					
Tristeza	174,55	162,09	148,52	3,82	-
Zanga	137,33	157	176,24	8,53*	(12-13) < (16-17)
Medo	139,74	155,86	175,91	7,53*	(12-13) < (16-17)
Alegria	147,05	159,48	167,32	2,25	-
<i>Punição</i>					
Alegria	185,66	160,6	141,92	14,04**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
<i>Co-Ruminação</i>	183,63	165,93	138,65	11,80**	(16-17) < (12-13, 14-15)

Nota. As células não preenchidas correspondem a valores não significativos no teste de Kruskal-Wallis, não sendo possível uma ordenação dos valores de *Mean Rank*.

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

Anexo IV – Comparação dos comportamentos parentais femininos entre grupos etários

Comportamentos Parentais Femininos (<i>Mean Rank</i>)					
	[12-13]	[14-15]	[16-17]	Kruskal Wallis	Ordenação
<i>Recompensa</i>					
Tristeza	190,86	164,65	38,51	15,17**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
Zanga	182,22	169,7	139,63	11,40**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Medo	181,00	170,84	139,17	11,61**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Alegria	181,29	167,46	141,09	9,76**	(16-17) < (12-13, 14-15)
<i>Distanciamento</i>					
Tristeza	185,23	175,39	130,45	21,54**	(16-17) < (12-13, 14-15)
Zanga	191,23	163,98	139,00	14,85**	(16-17) < (14-15) < (12-13)
Medo	185,64	172,54	134,42	17,19**	(16-17) < (12-13, 14-15)
<i>Magnificação</i>					
Tristeza	177,62	165,36	145,97	5,83	-
Zanga	165,60	160,04	160,48	0,19	-
Medo	183,18	152,12	157,92	5,89	-
Alegria	167,68	166,94	149,01	2,91	-
<i>Negligência</i>					
Tristeza	152,36	152,86	175,13	4,49	-
Zanga	-	-	-	-	-
Medo	155,99	155,3	170,37	1,94	-
Alegria	-	-	-	-	-
<i>Punição</i>					
Alegria	169,96	150,55	166,64	3,65	-
<i>Co-Ruminação</i>	174,08	170,20	144,21	6,60*	(16-17) < (12-13, 14-15)

Nota. As células não preenchidas na coluna “ordenação” correspondem a valores não significativos no teste de Kruskal-Wallis, não sendo possível uma ordenação dos valores de *Mean Rank*. As células não preenchidas associadas à negligência da zanga e da alegria correspondem a escalas com baixa fiabilidade, não entrando para as análises apresentadas.

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

* Comparação é significativa para um nível 0.05 (1-tailed)

Anexo V – Diferenças nos comportamentos parentais entre raparigas e rapazes

Cuidador Masculino				Cuidador Feminino			
Subescalas	Raparigas	Rapazes	Mann-Whitney U Test	Subescalas	Raparigas	Rapazes	Mann-Whitney U Test
Tristeza				Tristeza			
Recompensa	153,31	167,22	12710,5	Recompensa	157,79	162,39	12141,5
Distanciamento	160,19	155,66	11347,0	Distanciamento	158,41	161,36	12019
Magnificação	153,86	166,28	12600,0	Magnificação	159,55	159,42	11791
Negligência	162,74	151,38	10842,0	Negligência	158,58	161,07	11985
Zanga				Zanga			
Recompensa	150,57	170,58	13054,0	Recompensa	154,16	169,82	13069,0
Distanciamento	151,27	169,39	12916,0	Distanciamento	154,21	168,34	12893,0
Magnificação	151,88	168,36	12795,0	Magnificação	152,51	172,58	13397,5
Negligência	164,46	147,06	10303,0	Negligência	-	-	-
Medo				Medo			
Recompensa	156,38	160,74	11903,0	Recompensa	160,49	159,18	11803,0
Distanciamento	158,51	157,15	11483,0	Distanciamento	162,07	156,52	11485,0
Magnificação	153,95	164,86	12385,0	Magnificação	156,71	165,70	12578,0
Negligência	161,76	151,63	10838,0	Negligência	160,15	158,41	11710,5
Alegria				Alegria			
Recompensa	156,72	160,14	11875,5	Recompensa	162,31	154,73	11237,5
Punição	144,37	180,76	14309,0**	Punição	144,12	185,57	14876,0**
Magnificação	155,24	162,61	12166,5	Magnificação	160,19	157,00	11504,5
Negligência	163,27	149,21	10585,5	Negligência	-	-	-
Co-Ruminação	145,29	180,66	14297,0**	Co-Ruminação	157,36	164,43	12427,0

Nota. As células não preenchidas correspondem a escalas com baixa fiabilidade, não entrando para as análises apresentadas.

** Comparação é significativa para um nível 0.01 (1-tailed)

Anexo VI – Contribuição independente dos comportamentos parentais femininos para os sintomas depressivos dos filhos

Cuidador Feminino Sintomatologia Depressiva												
Modelo 1				Modelo 2			Modelo 3			Modelo 4		
	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part
Idade	0,077	0,165	0,077	0,008	0,885	0,008	0,006	0,916	0,005	0,001	0,98	0,001
Sexo	0,211	0,000	0,210	0,218	0,000	0,211	0,236	0,000	0,222	0,230	0,000	0,216
Apoiantes Tristeza	-	-	-	-0,201	0,025	-0,116	-0,181	0,045	-0,104	-0,163	0,074	-0,093
Não Apoiantes Tristeza	-	-	-	0,088	0,242	0,061	0,104	0,168	0,071	0,128	0,099	0,086
Apoiantes Zanga	-	-	-	-0,181	0,015	-0,127	-0,165	0,029	-0,113	-0,151	0,046	-0,103
Não Apoiantes Zanga	-	-	-	0,189	0,002	0,160	0,187	0,003	0,156	0,192	0,002	0,161
Apoiantes Medo	-	-	-	0,030	0,726	0,018	0,056	0,520	0,033	0,060	0,490	0,036
Não Apoiantes Medo	-	-	-	-0,062	0,352	-0,048	-0,089	0,202	-0,066	-0,101	0,151	-0,074
Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-0,096	0,131	-0,078	-0,080	0,219	-0,064
Não Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	0,066	0,273	0,057	0,061	0,315	0,052
Co-ruminação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,093	0,163	-0,072

Nota. As células não preenchidas correspondem aos comportamentos parentais não integrados nos diferentes modelos. Células a negrito associadas a valores significativos.

Anexo VII – Contribuição independente dos comportamentos parentais masculinos para os sintomas depressivos dos filhos

Cuidador Masculino Sintomatologia Depressiva												
Modelo 1				Modelo 2			Modelo 3			Modelo 4		
	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part
Idade	0,066	0,240	0,065	0,019	0,730	0,018	0,026	0,633	0,025	0,025	0,654	0,024
Sexo	0,221	0,000	0,219	0,232	0,000	0,225	0,243	0,000	0,231	0,239	0,000	0,225
Apoiantes Tristeza	-	-	-	0,111	0,413	0,043	0,140	0,310	0,053	0,149	0,289	0,056
Não Apoiantes Tristeza	-	-	-	0,025	0,741	0,017	0,038	0,625	0,026	0,043	0,586	0,029
Apoiantes Zanga	-	-	-	-0,123	0,317	-0,052	-0,099	0,436	-0,041	-0,098	0,439	-0,041
Não Apoiantes Zanga	-	-	-	0,176	0,018	0,125	0,170	0,024	0,119	0,173	0,023	0,120
Apoiantes Medo	-	-	-	-0,318	0,007	-0,143	-0,300	0,011	-0,133	-0,300	0,011	-0,133
Não Apoiantes Medo	-	-	-	0,018	0,814	0,012	-0,009	0,915	-0,006	-0,015	0,862	-0,009
Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-0,084	0,335	-0,050	-0,078	0,376	-0,046
Não Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	0,049	0,441	0,040	0,054	0,412	0,043
Co-ruminação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-0,026	0,714	-0,019

Nota. As células não preenchidas correspondem aos comportamentos parentais não integrados nos diferentes modelos. Células a negrito associadas a valores significativos.

Anexo VIII – Contribuição dos comportamentos parentais femininos para a sintomatologia ansiosa dos filhos

Cuidador Feminino Sintomatologia Ansiosa												
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 3			Modelo 4		
	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part
Idade	-0,034	0,540	-0,034	-0,080	0,143	-0,078	-0,083	0,133	-0,08	-0,078	0,155	-0,076
Sexo	0,251	0,000	0,250	0,257	0,000	0,249	0,261	0,000	0,245	0,266	0,000	0,250
Apoiantes Tristeza	-	-	-	-0,253	0,006	-0,146	-0,247	0,008	-0,141	-0,265	0,005	-0,150
Não Apoiantes Tristeza	-	-	-	0,090	0,240	0,063	0,104	0,182	0,071	0,080	0,314	0,054
Apoiantes Zanga	-	-	-	-0,107	0,158	-0,075	-0,090	0,246	-0,062	-0,103	0,185	-0,070
Não Apoiantes Zanga	-	-	-	0,129	0,041	0,109	0,134	0,036	0,112	0,128	0,044	0,107
Apoiantes Medo	-	-	-	0,161	0,070	0,097	0,181	0,045	0,107	0,177	0,05	0,105
Não Apoiantes Medo	-	-	-	0,045	0,507	0,035	0,043	0,554	0,031	0,055	0,451	0,040
Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-0,082	0,210	-0,067	-0,099	0,138	-0,079
Não Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	0,000	0,997	0,000	0,005	0,931	0,005
Co-ruminação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,093	0,172	0,073

Nota. As células não preenchidas correspondem aos comportamentos parentais não integrados nos diferentes modelos. Células a negrito associadas a valores significativos.

Anexo IX – Contribuição dos comportamentos parentais masculinos para a sintomatologia ansiosa dos filhos

Cuidador Masculino Sintomatologia Ansiosa												
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 3			Modelo 4		
	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part	β	p	Part
Idade	-0,054	0,327	-0,054	-0,069	0,224	-0,066	-0,065	0,250	-0,063	-0,061	0,285	-0,058
Sexo	0,261	0,000	0,259	0,276	0,000	0,268	0,280	0,000	0,266	0,290	0,000	0,272
Apoiantes Tristeza	-	-	-	-0,159	0,263	-0,061	-0,122	0,394	-0,046	-0,148	0,309	-0,055
Não Apoiantes Tristeza	-	-	-	0,057	0,479	0,039	0,081	0,318	0,054	0,066	0,425	0,043
Apoiantes Zanga	-	-	-	0,022	0,864	0,009	0,076	0,566	0,031	0,075	0,572	0,031
Não Apoiantes Zanga	-	-	-	0,092	0,235	0,065	0,096	0,217	0,067	0,088	0,262	0,061
Apoiantes Medo	-	-	-	-0,033	0,788	-0,015	0,000	0,997	0,000	-0,001	0,992	-0,001
Não Apoiantes Medo	-	-	-	0,035	0,663	0,024	0,021	0,803	0,014	0,039	0,655	0,024
Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-0,160	0,079	-0,096	-0,176	0,056	-0,104
Não Apoiantes Alegria	-	-	-	-	-	-	-0,002	0,976	-0,002	-0,014	0,833	-0,011
Co-ruminação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,079	0,294	0,057

Nota. As células não preenchidas correspondem aos comportamentos parentais não integrados nos diferentes modelos. Células a negrito associadas a valores significativos.

Anexo X – Correlações entre a co-ruminação e as diferentes respostas parentais

	Co-ruminação Masculino ^a	Co-ruminação Feminino ^b
Triste		
Recompensa	,659**	,558**
Distanciamento	,428**	,378**
Magnificação	,454**	,441**
Negligência	-,630**	-,615**
Zanga		
Recompensa	,602**	,512**
Distanciamento	,454**	,373**
Magnificação	,324**	0,105
Negligência	-,589**	-
Medo		
Recompensa	,569**	,514**
Distanciamento	,467**	,369**
Magnificação	,222**	,116*
Negligência	-,549**	-,504**
Alegria		
Recompensa	,542**	,472**
Punição	,197**	-,146**
Magnificação	,488**	,384**
Negligência	-,533**	-

^a Correlações entre a co-ruminação do cuidador masculino e as respostas do cuidador masculino.

^b Correlações entre a co-ruminação do cuidador feminino e as respostas do cuidador feminino.

** Correlação é significativa para um nível 0.01 (2-tailed)

* Correlação é significativa para um nível 0.05 (2-tailed)